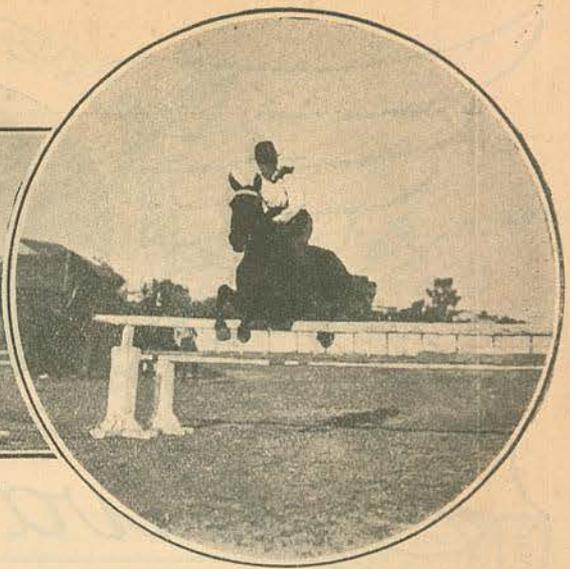




# TODOS OS "SPORTS"



Dois bons saltos do cavalo Seabro, montado pelo distinto cavaleiro sr. Carlos Telhado

OS resultados dos encontros de domingo passado — Imperio Lisboa Club contra Sport Lisboa-Bemfica e Sporting Club de Portugal contra Club de Foot-Ball «Os Belenenses», não corresponderam justamente aos jogos desenvolvidos.

Pode-se afirmar que o Imperio foi infeliz e o Belenenses jogou com sorte.

— No primeiro encontro, Imperio-Bemfica, o jogo foi interessante durante todo o primeiro tempo, sendo o ataque dos *vermelhos* bem dirigido.

Crespo foi o melhor dos avançados do Bemfica, tendo virado um magnifico pontapé de recarga, que deu um ponto a favor do seu club.

Alberto Augusto combinou bem com Crespo e marcou com segurança o pontapé livre, na recarga do qual o Bemfica conseguiu obter a sua terceira bola.

Pimenta, actualmente o avançado centro, segunda a nossa opinião faz muita falta na defeza e talvez fosse substituído com vantagem no ataque. No entanto trabalhou.

Simões, tirando um bom remate que teve, fez mau jogo.

Durante a primeira parte o Bemfica marcou tres bolas, duas por intermédio de Crespo e a terceira, depois duma certa confusão, na recarga dum pontapé livre, marcado por Alberto Augusto.

O jogo pertenceu neste tempo, nitidamente aos *vermelhos*, sem que contudo os homens do Império se desnortheastassem.

Estes mantiveram durante todo o desafio uma atitude energica e leal que muito agradou.

Na segunda parte pode mesmo dizer-se que o Imperio dominou perfeitamente o adversario só não marcando por falta de remate ou pouca *chance*.

O Bemfica jogou mal neste tempo pois devia ter procurado inutilisar o sistema de um só *back* de que se serviu o Imperio o que, aliás, lhe deu um optimo resultado, visto ter sempre o seu campo aliviado.

A impressão que tivemos foi que o Bemfica, na segunda parte, perdeu metade do entusiasmo por julgar a victoria segura.

Contrastante como esta maneira de vêr—se é que na verdade assim se passaram as coisas—temos a atitude do Imperio que não desanimou e soube perder, combatendo correctamente até ao ultimo minuto de jogo.

Do Bemfica ainda nos referiremos aos trabalhos de Fernando de Jesus e Francisco Vieira.

O primeiro destes jogadores fez um magnifico logar, o segundo teve defezas de estilo, mas algumas das suas saídas pareceram-nos inoportunas.

Do Império, em que todos fizeram o quanto puderam, salientaram-se Belford na linha de avançados, o ponta

esquerda, de meias defezas contra a esquerda e o defeza esquerdo.

Manoel Anjos teve algumas boas defezas.

A arbitragem, a cargo de Salvador do Carmo, do Club Foot-Ball «Os Belenenses» foi muito boa.

Do encontro pode dizer-se, duma maneira geral, que agradou a primeira parte, tendo sido monotona a segunda.

—O jogo entre o Belenenses e o Sporting foi rapido, energico e cheio de excelentes fase, de bom *association*.

Podemos mesmo afirmar que foi um jogo emocionante, que agradou.

O dominio pertenceu em quasi todo o encontro ao Sporting, se bem que fraco.

A linha de avançados deste club trabalhou com muito maior coesão que o de Belem.

Nesta houve dois pontos fracos: Manoel Veloso, que pouco ou nada fez e Alberto Rio, falhando remates que deviam ser perigosos.

Do Belenenses agradou-nos o jogo de Augusto Silva, o melhor dos meios-defezas em campo, e de Azevedo, o energico defeza, que, sem duvida é um bom elemento num grupo.

Mario Duarte teve boas defezas e más saídas.

Do Sporting os melhores foram Cipriano, que teve defezas de valor e Ferreira, que áparte um pouco de *dribbling*, bastante prejudicial como se viu, jogou bem. Jorge Vieira teve esplendidas intercepções.

Portela, que no começo do jogo pouco fez, começou antes do final da primeira parte a prestar um bom auxilio ao seu grupo.

Ainda citamos o nome de Seabra, jogador de segundas categorias, que evidenciou muito boas qualidades.

Durante a primeira parte só o Sporting marcou, tendo enfiado duas bolas nas redes do Belem, a primeira, por intermedio de E. Ramos e a segunda por intermedio de Ferreira na marcação duma grande penalidade.

Foi aos 26 minutos da segunda parte que o Belenenses obteve a sua primeira bola, derivada duma boa serie de passagens, bem rematadas por Joaquim Rio.

Uma grande penalidade contra o Sporting deu occasião a que Joaquim Rio marcasse, a 4 minutos do final do jogo, a segunda bola a favor do Belem, a bola de empate.

Victor Gonçalves foi imparcial na arbitragem.

O jogo como acima dissemos foi interessante e o resultado imprevisto...

D. C.



# *Silva Petica*

## OCASOS

A' MEMORIA DE ANTONIO CANDIDO

A' tarde. No Marão. Quedei-me reverente!  
Listado o horisonte em faixa purpurina,  
Desenha-se atravez de mistica neblina,  
Em matizes dum prisma, as nuvens no Ocidente.

E desce á nossa vista o Sol rapidamente,  
Seus raios trespassando essa palêta fina  
Como enorme Custodia, Encarnação Divina,  
Em Hossanas de Gloria a Deus Omnipotente.

Extinguem-se da Vida os ultimos rumores...  
Apenas geme a urze e vê-se que lhe custa  
Dizer adeus á Luz que desafia em côres.

Depois, deixando o Sol a grande Serra adusta,  
Ao longe cáe no Mar, enchendo-a de pavôres...  
— Tocava a mão da Morte aquela Fronte Augusta.

Amarante.

Outubro de 1922

BARROS CASTRO.



## O QUARTO DO DOENTE

# Elle

Prometi voltar ao assunto das enfermeiras e eis-me aqui cumprindo a minha promessa.

A enfermeira não tem só de tratar do físico do doente; na maioria dos casos, quando o corpo está sofrendo a alma sofre ainda mais, e quem trata do primeiro também tem a seu cargo a segunda.

Ora, não o parecendo, o ambiente do quarto do enfermo tem uma grande influencia sobre o seu estado de espirito. Deve reinar uma atmosfera de tranquillidade, de conforto e beleza nesses aposentos e a enfermeira tem por obrigação não deixar o Tédio sentar-se á cabeceira do leito. Quando a crise aguda da doença passa, principiam as horas terríveis em que o espirito, cheio de lucidez quer viver, mas em que o corpo, ainda dorido e lasso, se recusa a retomar o fio da existencia. Então inicia-se o trabalho mais arduo da enfermeira; então é preciso mais do que nunca, a senhora culta e educada, que possa alimentar esse espirito sem fatigar o corpo. Pondo mãos á obra principiará a organizar uma nova vida, dando ao doente a ilusão de que a vida de enfermo acabou. Para isso ser-lhe-ha preciso a par da cultura uma grande imaginação.

O arranjo material do quarto também terá de sofrer modificações. Os remedios escondem-se, a atmosfera torna-se mais leve. Ao lado da cama apparece uma estante giratória, bastante alta para que o doente lhe possa chegar sem se descobrir nem abaxiar demasiadamente, metem-se nas prateleiras alguns livros preferidos, tudo quanto é necessario para escrever, uma caixa para as cartas recebidas, e um cesto para deitar os papeis inúteis.

Arranja-se também uma meza propria para pôr sobre a cama ás horas da refeição e quando o doente dejesar de escrever um pouco.

De dia tem-se no quarto uma jarra com flores, poucas, escolhendo-as quasi sem cheiro e todas da mesma especie, para que não haja embate de perfume.

Deixam-se entrar de cada vez duas a tres visitas, evitando sempre receber ali pessoas pouco sympathicas ao enfermo.

Pouca gente presta atenção a uma factio que só admirará as pessoas pouco observadoras, pois os ponderados o acharão extremamente natural: á medida que a convalescença avança, a irritabilidade torna-se cada vez maior e mais precauções são necessarias para não exacerbar a impaciencia do doente que já não o quer ser.

Nessa occasião é preciso fugir a todo o custo de apoquentar e maçar o convalescente indagando a toda a hora se está melhor, se precisa de qualquer coisa, se quer que lhe leiam, se lhe apetece comer e o quê.

Uma enfermeira intelligente sabe quando falar e quando estar calada, pensa a propria nas ementas das refeições e como variá-las, prepara e arranja com gosto a bandeja da comida, retirando-a do quarto, logo depois do doente acabar de comer. Apoz a refeição do meio dia, abaizam-se os estores ou cerram-se um pouco as janelas, põe-se um dos livros predictos ao alcance do enfermo e conserva-se um grande e calmo silencio no quarto. Na maior parte dos casos o doente adormece.

A cama ou a otomana deve estar colocada junto da janela, de maneira que d'ali possa advir qualquer distração ainda que mais não seja do que o ceu com as suas mil transformações, tão depressa dum azul limpo e profundo como obscurecido por pesadas nuvens.

As lavagens e a mudança de roupas, tanto as do corpo como as da cama são feitas logo ao acordar, quando o sono reparador da noite ainda está produzindo os seus efeitos.

Um quarto de doente deve ter pouca mobilia, apenas a estrictamente indispensavel e a sua limpeza deve ser feita entre as duas primeiras refeições, para que o medico e as visitas já encontrem tudo arranjado.

No tempo do calor ainda mais cuidados são precisos para o conservar confortavel; as roupas de cama serão todas, caso seja possivel, de linho, mais especialmente a almofada e o travesseiro. A melhor cor para a camisa de noite é o branco, evitando-se folhos e bordados nas camisas das senhoras. Uma renda, um bordado sobre tule basta para enfeitar não incomodando.

## TRATANDO DAS PLANTAS

Pouca gente ao contemplar as flôres que enfeitam as nossas casas, trazendo-lhes como que um raio de sol, que as aquece e vivifica, se lembra dos cuidados que ellas exigiam antes de alcançarem a beleza que ali ostentam tão orgulhosamente.

A planta tem muito que lutar. Desde que nasce até que morre, sofre um combate sem tréguas; de continuo atacada por doenças e por toda a especie de insectos, com certeza definharia se, de quando em quando, não lhe dispensassemos alguns cuidados.

E' lembrando-me d'algumas senhoras para quem as flôres são amigas e a quem a morte duma planta causa quasi tanto desgosto como a de uma pessoa—eu, por mim confesso que ha pessoas que me são muito menos preciosas que uma flôr—que dou aqui a receita duma solução muito eficaz para destruir pela raiz dois dos

## CALENDRARIO DA SEMANA

### Novembro—30 dias

- 18—Domingo—S. Ilidio.
- 19—Segunda feira—S. Isabel da Hungria
- 20—Terça feira—S. Felix de Va ois.
- 21—Quarta feira—Apres. de N. Senhora.
- 22—Quinta feira—S. Cec líia.
- 23—Sexta feira—S. Clemente.
- 24—Sabado—S. Grisogno.

MENÚ DA SEMANA

**Domingo**

**Almoço**

Almofadinhas de peixe  
Moosinhas de carneiro  
com feijão verde  
Café com leite

**Jantar**

Sopa de feijão branco  
Lagostim em casca  
Torta de carne  
Merengues de amendoa

**Segunda-feira**

**Almoço**

Pimentos recheados  
com cebolas, assados  
e acamados sobre carne  
fria

**Jantar**

Sopa de creme  
de tomate  
Soflê de parmesão  
Carne assada com arroz  
Doce de peru

**Terça-feira**

**Almoço**

Alface recheada  
com salsichas  
Bacalhau guisado  
com grão  
Cacau

**Jantar**

Sopa de bolachas  
Pescada grelhada  
Covões à franceza  
Bife surpresa  
Massapão de fruta

**Quarta-feira**

**Almoço**

Sopa à polaca  
Lasanha de farinha  
Lingua de vaca  
com molho picante  
Café com leite

**Jantar**

Sopa de couves  
Filetes de pescada  
com molho indiano  
Pá de carneiro assada  
com sandwiches  
Compota de pêra parda

**Quinta-feira**

**Almoço**

Fatias de rim  
Peixe frito  
Chá ou café

**Jantar**

Sopa de nabos  
Pastelão de carne  
Frango com caril  
Pudim de frutas

**Sexta-feira**

**Almoço**

Salada de peixe  
Bifes fritos  
Cacau

**Jantar**

Sopa de lentilhas  
Frituras de camarão  
Carne com molho  
de farinha torrada  
Crème Saboyano

**Sabado**

**Almoço**

Fritas de feijão verde  
Pão recheado no forno  
com molho amarelo  
Café com leite

**Jantar**

Purê de ervilha  
Abobora guisada  
com carne  
Carne de porco  
à alemã  
Torta de Maria  
Antonietta

inimigos dessas nossas amigas, ou sejam: os ovos dos pulgões e das aranhas.

Faz-se com 65 gr. de farinha uma cola, a qual se vae juntando agua até obter meio litro de liquido pastoso.

Juntam-se-lhe 40 gr. de mel e 150 gr. de oleo solúvel de sodio ou sulfureto de sodio, mistura-se-lhe pouco a concentrada de petroleo, assim

vemos uma renda bordada a ouro. A meio do saco coloca-se uma rosinha de seda. Tres dos lados são debruados com cordão de seda e o quarto, que é a abertura, é guarnecido por uma comprida franja dourada.

Num saco de setim azul escuro espalham-se estrelas prateadas, applicando a um canto uma meia lua num tecido igualmente prateado.

pouco 5 gr. duma emulsão assim preparada:

Petroleo.....	412	litro
Oleo mineral.....	112	"
Amoníaco a 47%.....	20	"
Sulfurico de carbone.....	425	gr.

e agita-se bem toda a mistura.

Num outro recipiente dissolvem-se 20 gr. de carbonato de potassio num pouco d'agua e acrescentam-se 20 gr. de nicotina e cerca dum litro d'agua de chuva, caso seja possível arranjá-la, ou então d'agua de poço ou de nascente.

Deita-se a segunda solução na primeira. Pincela-se com este liquido as plantas.

SACOS PARA CAMISA DE NOITE

São curiosos e invulgares estes sacos para camisa de noite, não acham, minhas senhoras? Na minha procura constante de novidades com que possa recrear o vosso espirito, os vossos olhos e as vossas mãos, dando-lhes coisas interessantes para verem, para meditarem e para fazerem, fiquei satisfeita com esses cinco originaes modelos.

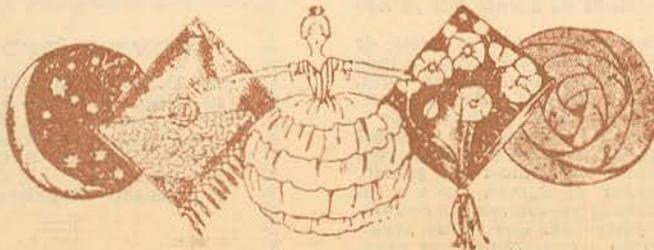
Uma rosa enorme, executada em setim, organdi, chita ou qualquer outro tecido que se preferir dá uma nota decorativa á cama.

Aquela que a nossa gravura mostra compõe-se de pétalas ovaes, recortadas em varios tamanhos.

Dobram-se, franzem-se ao de leve e cozem-se sobre um saco de pano, de forma circular.

Um papoula applicadas sobre fundo preto tambem dá bom resultado. As hastes, feitas de fita, são trazidas para um canto e caem como borla, tendo nas pontas uma conta de cristal.

Os folhos da sáia da bonequinha cobrem um saco circular. A seguir vem um modelo para cama rica ou de noiva. E' de setim azul e, colocado diagonalmente,



O PROBLEMA DOS STORES

Um dos mais dificeis problemas da mulher, que não tem muito dinheiro ao seu dispôr e se interessa pelo embelezamento do lar, é prover de bonitos estores as janelas da sua casa sem dispendir grandes quantias.

Se houver gosto e habilidade o caso simplifica-se muito, porque então será escusado ir comprar artigos caros e a que falta muitas vezes um certo cunho de distincção.

Ha senhoras que tem por costume ir accumulando nas malas tecidos curiosos ou excepcionalmente baratos para um dia se utilizarem deles. Acho esse metodo extremamente aconselhavel e se alguma das minhas leitoras o tem seguido chegou agora a occasião de ali ir procurar materia prima para estores e reposteiros.

Com uns metros de linho cru ou de flanela de algodão lisa, podem-se arranjar lindos estores, guarnecendo-os com tiras de linho pardo sobre as quaes se applicam quadrados de linho castanho, colocados em bico, ligados por tiras do mesmo material, mas dum tom mais claro e cosidas a lã, em ponto de recorte.

O fundo pardo é coberto de alinhaves, pequeno tambem, em lã condizente com a cor do tecido e no centro de cada applicação prega-se um quadro muito pequeno de linho branco.

Os motivos podem tomar qualquer feitio que mais agradar, circulos, quadrados, triangulos, ovaes. Coloca-se a tira bastante acima da orla para deixar uma larga barra lisa.

PENSAMENTOS

— Quem deixou de amar nunca amou.

\*\*\*

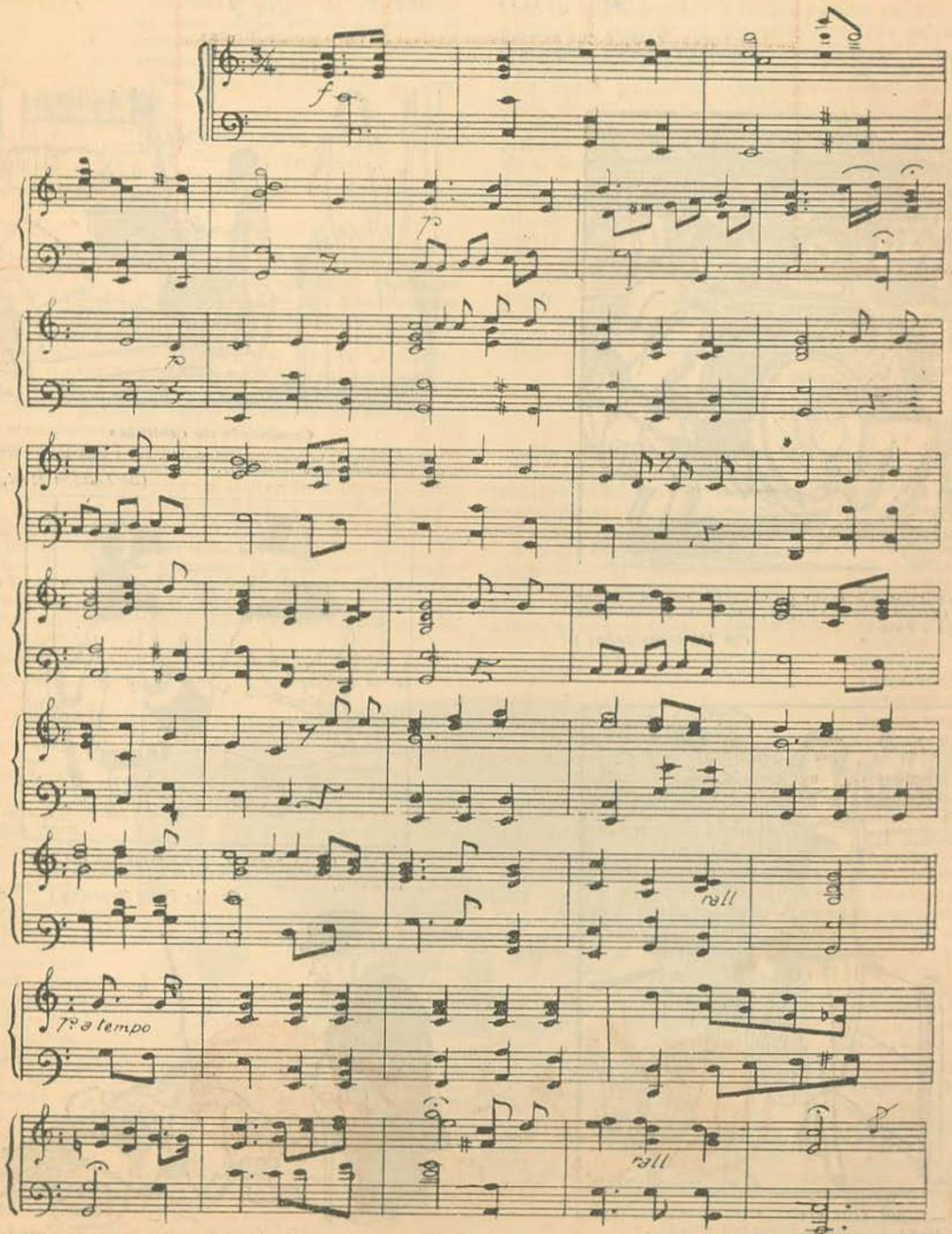
A certeza de entrar no ceu permite comer na terra algumas iniquidades,

Charles Maurras.

# PAGINA MUSICAL



## HINO NORTE-AMERICANO



The musical score is written for piano and consists of ten systems of two staves each. The key signature has one sharp (F#) and the time signature is 3/4. The score includes various musical notations such as chords, single notes, and rests. Dynamics are indicated by 'f' (forte) at the beginning, 'p' (piano) in the second system, and 'rall' (rallentando) in the eighth and tenth systems. The piece concludes with a double bar line and repeat dots.

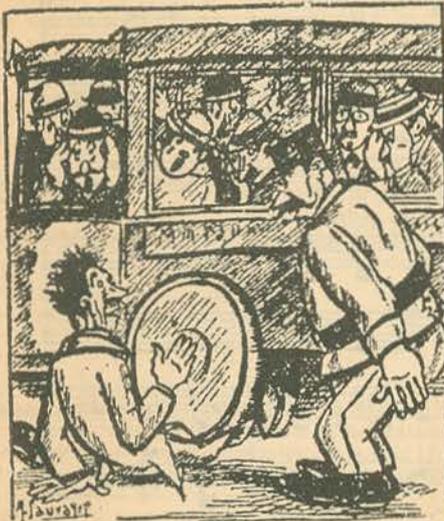
# SEARA



# ALHEIA

—Porque razão é que as senhoras haviam de ter o monopólio das cinturas curtas ou compridas?!...

(De Junck.)



—Fazia-me o favor de prevenir minha mulher de que eu talvez chegue, hoje, um pouco mais tarde a casa?

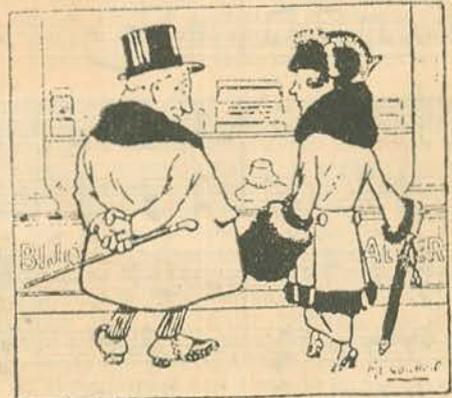
(De L'intransigeant.)



*Casamento de «estrela»*

—E' verdade, casamos secretamente, que é para ter a certeza! Os jornaes darem a noticia!...

(De London Mail.)



—Não, minha senhora, nos tempos que vão correndo, não se oferecem colares de perolas... Roubam-se...

(De Le Petit Parisien.)



—Como está vendo, minha senhora, o meu irmão é a antítese deste seu creado...  
—Gostava imenso de o conhecer!...

(De Le Matin.)



—Homem! um tubo de chaminé por travessôiro, deve ser duro!...

—Você não vê que está chelo de palha?!...

(De Quotidien.)

# O CONTO FANTÁSTICO

«Grandes devem ter sido as provações de quem souber tilintar os guzdos do histrão para que lhe não ouçam os gemidos!...

Chorar no coração, e rir no espírito...»

(Scenas da Foz, pag. 74. — Camilo Castelo Branco).

## I

Batia o granizo nas vidraças, impellido pela nortada agreste, de vez em quando um ziguezague luminoso fendia as nuvens e espalhava-se pelo céu pumbeo uma claridade rápida, mas bastante para deixar pena de não ser mais duradoura.

Aquilo incomodava-o, distraía-o; chegou á janela, cerrou as portadas. Levantou os braços em aza de bilha até ás orelhas, impertigou-se, resfolgou, acendeu o alentado cachimbo de cerejeira, abarrotado de *rising-hope* e exclamou:—ha de ser hoje!...

Depois, vagarosamente, com certa superioridade muito consciente, acercou-se da mesa e sentou-se. Enterrou um boné de pele de lontra até á nuca. Queria calor na cabeça, que lhe activasse o cerebro. Afagou, antegozando umas sensações rápidas, doze garrafas de magníficos vinhos generosos, colocadas em linha de batalha, á esquerda, relanceou gulosamente os olhos para umas iguarias, que estavam á direita, e, fitando, finalmente, uns poucos de cadernos de papel, um enorme tinteiro antigo, e uma desmesurada pena de pato, repetiu, radiante: — ha de ser hoje!...

## II

Dissera uma vez, no Martinho, aos amigos, que andava em busca da Gloria.

Supuzeram, rindo, que ele aludia a uma Gloria Ruiz, que fugira para a Africa com um mulato arqui-milionario.

Enganar a-se! Ele já não era o mesmo doidivanas de outros tempos, não era a Ruiz, que o preocupava, era a Gloria sem apelido. A Gloria

com G muito grande! A Gloria envolta em manto de purpura a rastrear na Eternidade, e tubo de fama a ecoar no Infinito! A Gloria embriaguez, a Gloria deslumbramento, a Gloria loucura!... E havia de ser num conto fantastico — tenebroso — demolidor, num conto em que vazasse o fel odio, que lhe esvurmava da pena contra a humanidade fementida, e em que engastasse num estilo diamantino a joia preciosa da sua alma, acutilando o Mal, como S. Miguel a esmagar o demo!

Eis a razão por que, pela calada da noite, se isolava, velando horas e horas, para desbalisar Hoffman e Edgard Poe... Ah! mas, a inspiração não o bafejava muita vez o desanimo entrou com ele!...

Sorriu-lhe, afinal, uma ideia luminosa, espirituosa mesmo: beber! Eles, os Mestres, que em breve afundaria na sombra, bebiam: ebrios é que eram estranhamente horribeis!...

Pelo menos, estava convencido disso!...

## III

—Ha de ser hoje! Repetiu.

Já no resto a segunda garrafa. Já via numa dansa macabra revoltearem arcaboijos gigantescos, rapiando com ayidez, imprudentemente desbragados, numa nudez monstruosa — de osso!

A carne havia sido banida da face da Terra! Era o unico meio de aniquilar definitivamente um pecado renitente! A Justiça, ao contrario da antiga, tinha cem olhos armados com bojudos oculos de desmedido alcance, e, mesmo assim, considerava-se

soberanamente miope para observar o progresso terrifico da proternia e do embuste!...

Más, dentre uma cratera de fogo, lá surgia o novo Messias, com bonet de peles, para regenerar, por meio dum conto pavoroso, os costumes dissolutos, as consciencias gafadas, as leis com portas falsas, os ministros com gazuas!... E ele remirava-se na tunica alvinitente, feria os pés nas agruras dos caminhos, mas ia sentindo entornarem-se-lhe na alma os balsamos da re-



denção do genero humano... e no estomago os balsamos da *lacrima-cristi!*...

A quarta garrafa tinha vertido as derradeiras gotas! Dando estalos com a lingua, via fenomenos excetricos, sentia coisas infernais, chegava, finalmente, o almejado instante, empunhou a pena, molhou-a... eia! sus!...—Ha de ser hoje!

## IV

Corria-lhe a pena vertiginosamente sobre o papel! Que mundo de desenfadados pensamentos ali se desenrolam! Impulsionado pela febre do entusiasmo, quicã do genio, cerrava os dentes e retezava os musculos, para escrever com a rapidez do rai! As ideias chispavam a flux, como faulhas numa forja! Era o bonet de pele a excitar o sangue, que o vinho, obsequioso elevador, guindava ao foco luminoso da Torre Eiffel: o encefalo daquele benemerito e arrojado fautor da literatura evangelisadora e emancipadora!...

Subito, porém, ouve na janela um miar dolente! Arremessa impetuoso a pena e ergue a altissima estatura, encontra o tecto, agacha se, ele já tinha as proporções do gigante Adamastor, o que lhe faltava em barbas para ter o fero e duro aspecto sobrava-lhe em vinho. O miar doloroso continuava, e ele, que se levantara num impulso colérico para massacar o importuno perturbador dum sacerdote insigne, lembrou-se de que em vez dum gato... podia ser uma gata, prestes a ser mãe, carecedora dum agasalhador abrigo, vibrou-lhe o imo peito num fremito compassivo, abriu a janela e deixou entrar a hospeda!

Era um corpulento gato preto, com bossas como os camelos, juba como os leões, cauda de crocodilo, dentes de elefante, e, coisa estranha, com quatro olhos, um verde e outro branco, e os outros com incandescente luz... até parecia uma locomotiva!...

## V

Num relance compreendeu tudo! Era a essencia do Mal, que, vendo-se ferida em suas lendarias prerogativas, na eminencia de ser esmagada pelo pulso vigoroso do atleta, vinha propôr a luta frente a frente!...

Que era todo o poder da Treva contra a luz fulgentissima, que lhe irradiava da potencia animica?!!! Sorriu-se, cruzou os braços desdenhosamente, e soprou! Imediatamente o horrivel monstro tomou as dimensões dum bichano vulgar!... Então, delicadamente, com as pontas dos dedos, para não o desfazer, ergueu-o e arremessou-o pelos espaços constelados... como

se fôra um arminho... pouco depois um baque surdo, era o atomo a afocinhar a chateza prosaica da rua!...

Aquela scena fôra uma revelação, assim é que ele derruiria a maldade humana... com um sopro!... Ainda pensou em ir á janela soprar, mas não: acabava-se o mundo... e já não teria que regenerar!... Sempre era bom avigorar o animo potencial: sucessivamente, mais duas garrafas esvasiaram o enebriante conteúdo no ventre do sublime prosador!...

Ia, emfim, terminar aquele poema em prosa, que elevava a prosa vil da vida ás vibrações fulminadoras da poesia ideal, ao empirio da suma perfectibilidade, do sumo Bem!... A mão, porém, já não tinha a firmeza indispensavel, o braço recusava-se ao movimento, e as palpebras tendiam a descer, conquanto lá dentro, no cerebro lucidissimo, ainda sentisse as granadas da ideia explodindo feracissimas.

Momentos depois, em vez dos brados heroicos do fero lutador, ouvia-se na quietação do aposento um resonar burguez!...

## VI

Animavam-se no ceu as primeiras tintas da alvorada; a brisa fresca da manhã abrira a janela, mal cerrada, e abaixava arrepiadoramente a temperatura... O literato portentoso, que havia estendido as pernas, escorregara pouco a pouco pela cadeira e caira para debaixo da meza!... A frialdade do ar e o incomodo da posição acordaram-no. Descerrou com esforço os olhos, bocejou demoradamente, esfregou muito as palpebras, ergueu-se a custo.

Tinha um sabor acre na boca, a cabeça modorrenta. Abeirou-se da meza, recordava-se com dificuldade... bebeu uns goles de agua...

O sol ia subindo gloriosamente, um primeiro listrão de luz intensa, entrando pela janela, iluminou uma folha de papel, litou-a, era uma rede inextricavel de traços irregulares e de borrões, sorriu-se tristemente, deu um longo suspiro, e murmurou:— ainda não foi desta!...

No quarto havia um cheiro desagradavel, o candeeiro apagara-se esfumando vapores de petroleo queimado, abriu de par em par a janela, espraçou o olhar pelo horizonte, era uma ridetissima manhã de Março. Pelas ruas nem um transeunte, olhou para baixo, viu um objecto negro e luzidio, fixou com insistencia a vista para averiguar... era o bonet de pele de lontra!...

1891.

CRUZ MAGALHÃES.



CASA RUBI

Telefone: Central 3352

ILUMINAÇÃO, HIGIENE  
E AQUECIMENTO

120—R. dos Retrozeiros—122

Perfumaria  
Balsemão  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Maquinas de escrever  
NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções garantidas—Acessorios  
J. Anão & C.ª, Ltd. R. Fanqueiros,  
376, 2. —Tel. 3536 N.

## O QUINTO ANIVERSARIO DO ARMISTICIO



O general sr. Roberto Baptista e o capitão de fragata sr. Afonso Cerqueira em continência ao tumulo do Soldado Desconhecido, depois de haverem deposto flores sobre o mesmo tumulo, em Paris

(Cliché Harlingue — Paris.)



Aspecto ao conjunto da interessante exposição inaugurada no dia 11, no Salão Bobone. A' esquerda, os artistas expostos (por ordem descendente) srs. Varela Aidemtra, Mario Reis e Mario Santos

## A Festa da Flôr na Ilha Terceira

Em favor da benemerita Cruz Vermelha Portugua sa realizou-se em Outubro findo, em Angra do Heroísmo, uma brilhante Festa da Flor, levada a cabo por uma comissão militar com a dedicada cooperação de Jovens terceirenses.

A comissão a que nos referimos era constituída pelos oficiais srs: major Borges da Costa, capitão Machado Toledo, ten ntes Frederico Lopes e Aiceto Santos e aiferos Miguel Maia. Quanto às senhoras que tanto concorreram para o bom exito da festa:



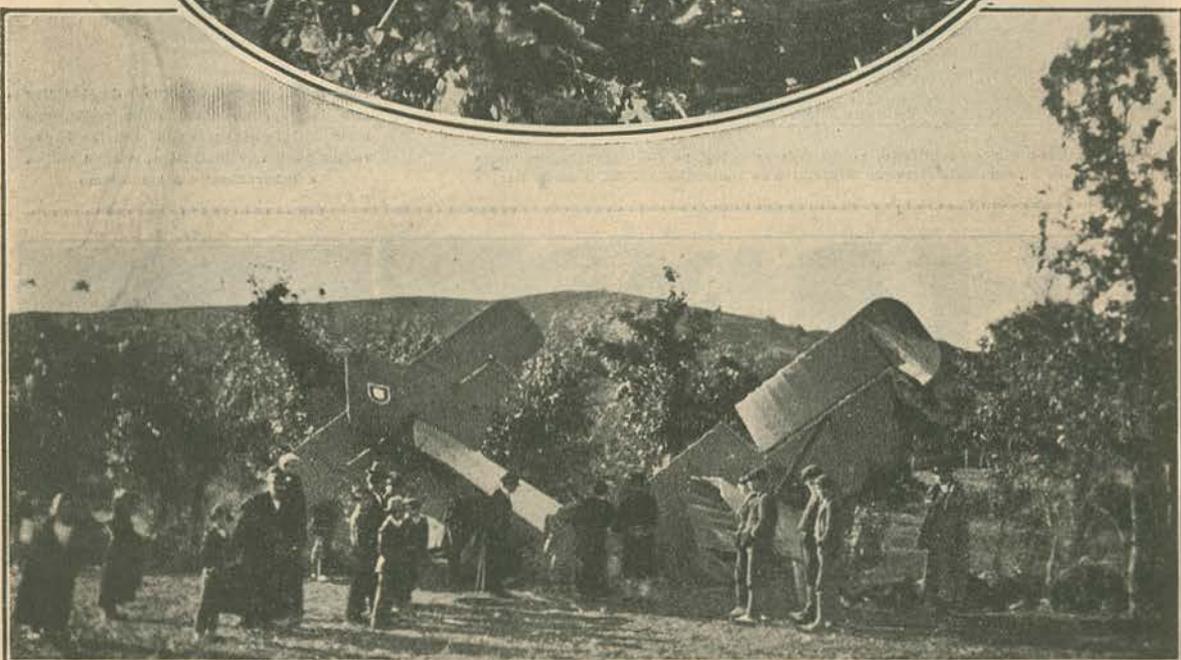
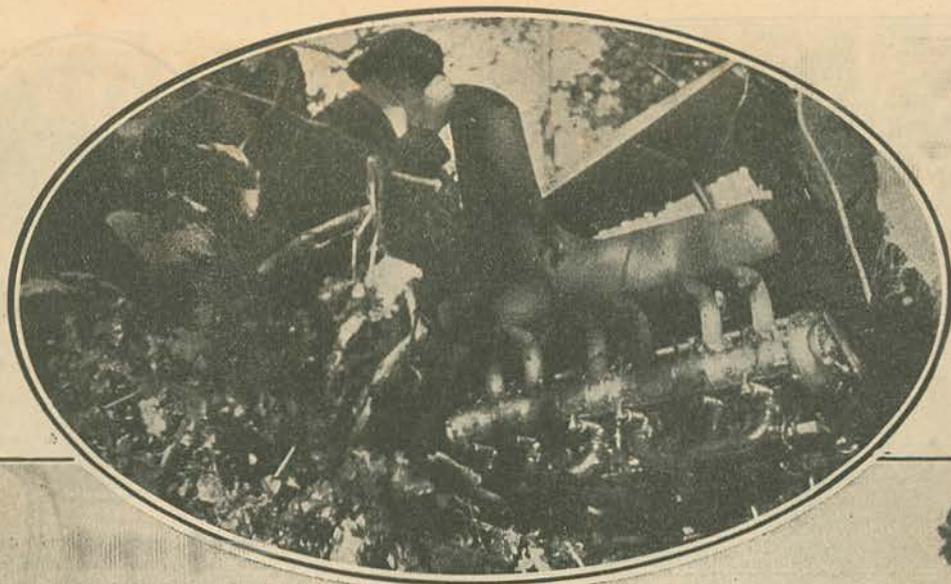
Alguns dos membros da comissão e senhoras que os coadjuvaram



D. Maria Spínola dos Santos, D. Maria da Piedade Tavares Pimenta, D. Maria Adelalde Mendes, D. Carmelina da Silva Costa, D. Olga Macedo e Oliveira, D. Odete Pamplona, D. Natal Baptista, D. Palmira Mendes, D. Maria da Conceição Spínola dos Santos, D. Julia da Silva Tavares Pimenta, D. Lidia Tavares Pimenta, D. Eugénia Cândida da Silva, D. Maria da Conceição da Silva Costa, D. Alice da Silva Costa, D. Leonilde da Silva Costa e D. Dora Silveira Botelho.

Grupo de gentis terceirenses que também cooperaram na Festa da Flor

# UM DESASTRE DE AVIAÇÃO



Estado a que ficou reduzido o Breguet n.º 18 em consequência da panne que determinou o seu rápido aterramento, na freguesia de Serzedelo, concelho de Amarante, quando, no dia 1 do corrente, tripulado pelos aviadores srs. capitão Carlos da Cunha, tenente Sérgio da Silva e mecânico Manuel Gouveia, realisava a travessia de Chaves a Valença, em prosseguimento da viagem-treino ao norte e sul do país. «Clichés» Antonio Gonzales.)

## FOOT-BALLISTAS PORTUENSES



O 1.º grupo do Foot-ball Club Progresso que bateu o Sport Club Salgueiros no domingo, 28 do mez findo. A' esquerda uma fase interessante do jogo

(Clichés José Moreira.)



Ilustre professor d Faculdade de Medicina que iniciou, no dia 12 do corrente, uma serie de interessantes conferencias de caracter popular e instrutivo, sobre a sífilis, a tuberculose e o alcoolismo

Os comensaes ao almoço realisado, no dia 6 do corrente, no Café Tavares, em honra do illust poeta e Secretario Geral do Ministerio da Instrução sr. dr. Jão de Bar



A comissão de armadores, patrões de traíneiras e outras individualidades de Peniche, que velou a Lisboa reclamar do ministro da Marinha medidas energicas contra a atitude dos pescadores espanhols, por ocasião da sua visita a «O Seculo»

A sr.ª D. Maria da Conceição Ribeiro da Costa e Silva e o sr. Joaquim Mendes Borges Simões Costa, tenente de infantaria e soldado correspondente de «O Seculo» em Seixo do Erveda, cujo casamento se realisou recentemente



**Fonseca Araujo**

Consul de Portugal em Napoles e agente comercial do governo portuguez em Italia, falecido no dia 11 em Nova York



**José Pestana Sequira**

Bemquisto comerciante em Elvas, pai do antigo administrador da S. N. de Tipografia, sr. David Pestana, falecido no dia 7, naquela cidade. Os nossos pezames



**Joaquim Romão Julio**

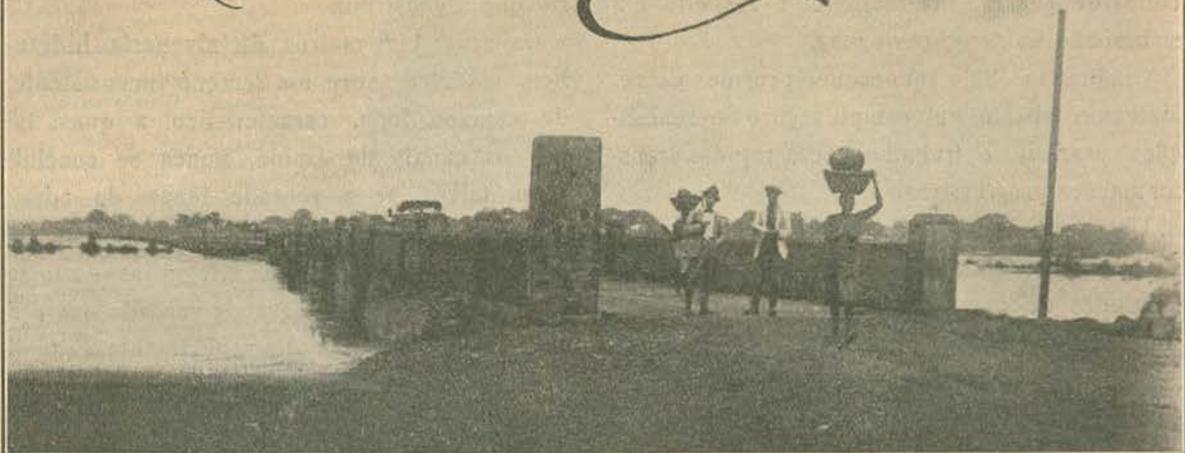
Pai do correspondente de «O Seculo» em Castro Verde, all falecido no dia 25 de outubro ultimo. Os nossos sentimentos á familia enlutada



**Antonio Mendes Ballão**

Falecido no Porto, no dia 5, em consequencia da aggressão a tiro de que fôra vitima dois dias antes, por motivos politicos

# Guiné Portuguesa



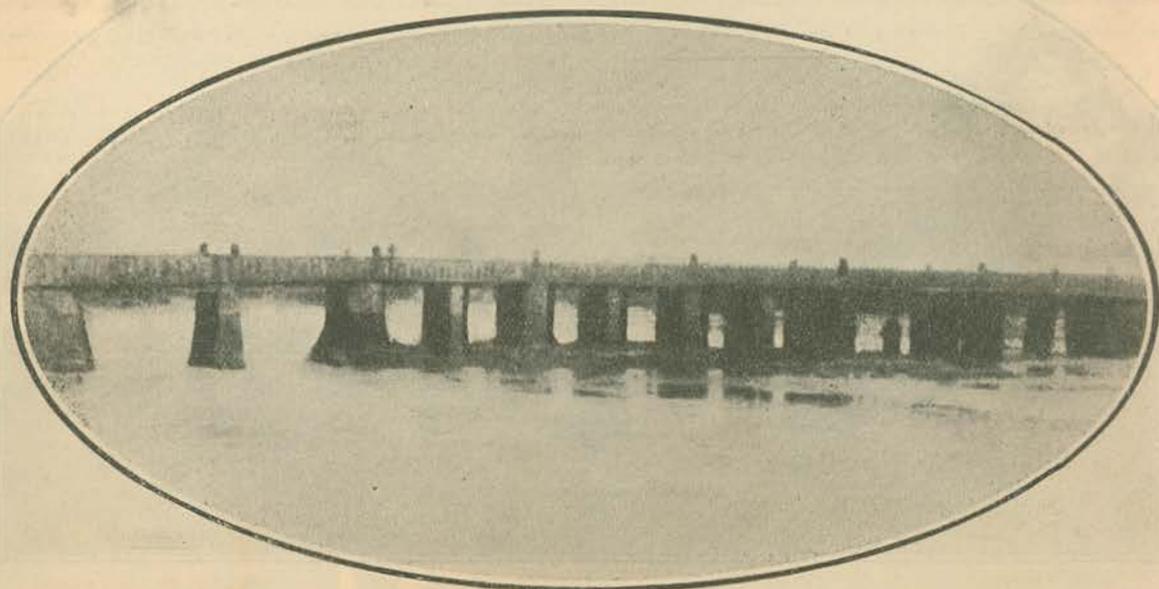
Ponte sobre o rio Mansôa

## A POVOAÇÃO DE MANSÔA

ILUSTRAM esta pagina do nosso *magazine* alguns aspectos da povoação de Mansôa, da nossa colonia da Guiné—precioso torrão de terra tropical, onde as qualidades da gente portuguesa se tem afirmado por sacrificios de

toda a ordem e por um espirito de trabalho que fortifica e engrandece.

Quasi que manietado pela arrogancia e ar-rojo das tribus gentilicas, o progresso da Guiné teve, por assim dizer, o seu inicio apóz 1915,



Outro aspecto da ponte sobre o rio Mansôa

depois que o heroísmo e a intrepidez do malogrado Teixeira Pinto — que uma bala alemã fez baquear no trilho magnífico de um grande cabo de guerra, firmaram ali o respeito e a submissão ao nome português.

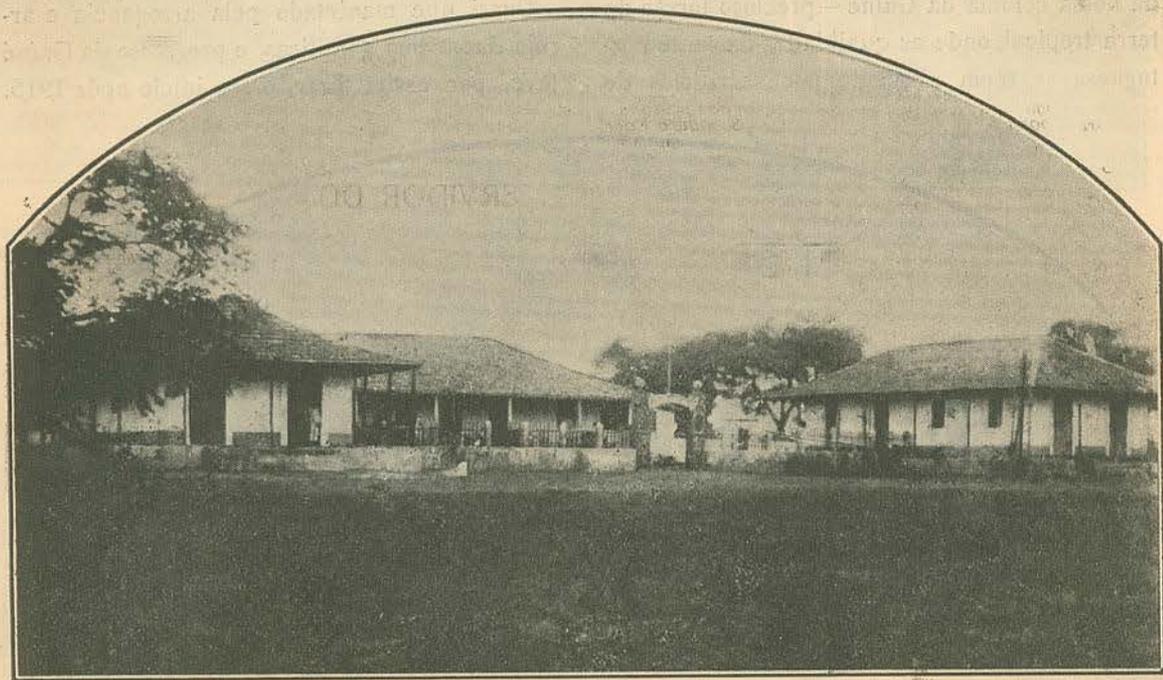
Quebrados, hoje, quaesquer pruridos de resistência, aberto um campo seguro ás realizações praticas, o trabalho opera rapidas transformações progressivas.

Uma optima rede de estradas sulca a provincia, oferecendo á actividade particular facilidades de comunicação rapidas e comodas. Nas circumscrições, a obra dos administradores, energica e inteligentemente auxiliada pelo governo da colonia, abrindo e melhorando vias de comunicação, solucionando deficiencias desta, construindo bons edificios para o funcionamento dos serviços do Estado, sem esquecer a manutenção efectiva da nossa soberania e o fomento de habitos de trabalho entre o indigena, atesta insofismavelmente que a Guiné quer caminhar depressa, realisando em pouco tempo o que não pode fazer em seculos!

A ponte de Mansôa — melhoramento insis-

tentemente reclamado — cuja fotografia publicamos, é a prova do quanto podem esse espirito de progresso e a tenacidade do funcionario que a construiu.

Os seus 117 metros de alvenaria hidraulica, assentes sobre um terreno inconsistente, de espesso lodo, caracteristico a quasi todos os canais da Guiné, nunca se concluiriam, talvez, se a vontade tenaz do administrador Alfredo da Gama Lobo — ao qual devemos a publicação destas fotografias — não se tivesse integrado nessa grande verdade que é a necessidade de progredir rapidamente. E, tambem, se não existisse, a encorajar essa vontade, a acção do ilustre governador, tenente-coronel Velez Carço, que, aos funcionarios seus subordinados, não regateia apoio e até incitamento, quando se trata de trabalho util, redundando em beneficio do progresso da provincia, sendo, para eles, mais que o superior hierarquico, o amigo que lhes leva os conselhos da sua experiencia e o apoio do seu espirito rasgadamente liberal e republicano, inspirado num grande culto pelo engrandecimento da Patria! C.



*Edifícios do Estado, na povoação de Mansôa — Secretaria da Administração da 3.ª Circunscrição Civil (à esquerda); Residência do administrador (ao centro) e Repartição dos Correios e Telegrafos (à direita)*

# O quinto aniversario do armistício

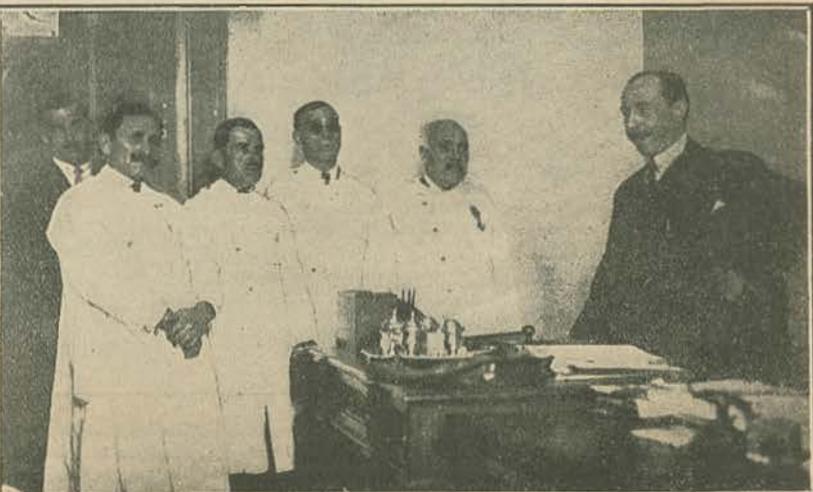
MIRIMÓI

A sua comemoração na legação  
da Belgica  
e na Escola Franceza



Em cima: Parte da assistencia ao almoço oferecido pelos srs. ministros da Belgica aos combatentes da grande guerra residentes em Lisboa. Em baixo: algumas das pessoas que tomaram parte na festa em honra do marechal Joffe e dos aciadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, realisada na Escola Franceza, vendo-se, ao centro, os srs. ministros da França

## HOMENAGEM A UM VELHO SERVIDOR DO ESTADO



Completando, no dia 8 do corrente, 50 anos de serviço, prestado com patriótica dedicação e zelo, o enfermeiro José Bernardo, o pessoal dos hospitais de Lisboa promoveu-lhe nessa data uma comopente homenagem. Representam as nossas gravuras, o sr. dr. Azevedo Neves, director da Faculdade de Medicina, a abraçar o homenageado e, o airector dos hospitais, sr. dr. João Paes de Vasconcelos, proferindo um discurso de elogio a esse antigo servidor do Estado

(Clichés Salgado.)

# Ha Muitos Anos...



Página publicada por O Ocidente (N.º 107) quando da inauguração do primeiro Albergue Noturno de Lisboa, instalado no Largo do Intendente, em novembro de 1881. Os retratos são dos membros da Direcção da referida instituição, a saber: D. Luis I., presidente de honra, e, da esquerda para a direita: visconde de Rio Vez, dr. Luiz Jardim, Francisco Mendes Monteiro, José Pereira Soares, Poltcarpo José Lopes dos Anjos, João Alfredo Dias e José da Costa Pedreira

# Um Grande Fisiologista



O professor Gley

A conversa com um artista é leve, curiosa como o folhear dum *magazine* interessante.

O falar com um político já tem o seu quê de complicado; as palavras chocam-se, muitas vezes, como as

espadas e, no duelo travado, o jornalista tem sempre de procurar *tocar* o ponto preciso, sem que o adversario o descubra.

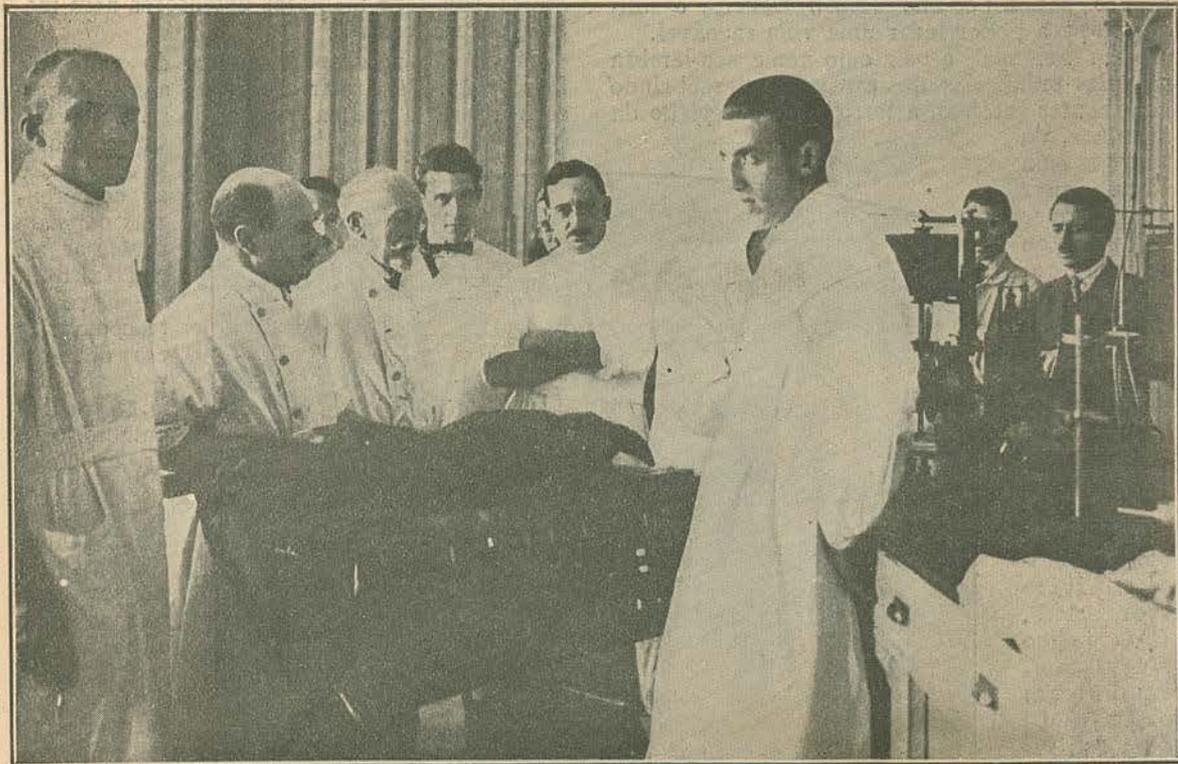
A admiração profunda, derivada do culto, que todos nós prestamos ao trabalho — quantas vezes inglorio — do investigador, do sábio que passa uma vida inteira num laboratório para bem da humanidade, faz com que a conversa

com um homem de sciencia seja, na grande maioria dos casos, como que o pegar num livro ler-lhe o indice e mais nada.

Ora exactamente do professor Gley, que tivemos o ensejo de entrevistar, quando da sua recente estada em Lisboa, restou-nos mais alguma coisa — que o numero das suas valiosissimas descobertas e a admiração pelos seus não menos valiosos trabalhos: uma enorme simpatia, que não podemos deixar de lhe testemunhar pela maneira em extremo gentil por que nos recebeu.

Ilustre fisiologista francez, professor de biologia geral do Colegio de França, instituição destinada a altos estudos scientificos, onde substituiu Claude Bernhardt, M. Gley, a quem se deve a descoberta das glandulas paratiroideias, veneranda figura de pensador, energico nas suas atitudes como nas suas afirmações, é duma amabilidade extrema.

Recebeu-nos no seu *appartement* com um sorriso alegre, bem disposto. o seu extraordi-



O professor Gley fazendo experiencias no laboratorio de fisiologia da Escola Medica de Lisboa. Da esquerda para a direita: M. Pierre Gley, filho do distinto professor e estudante de medicina, os professores srs. drs. Marco Atlas e Celestino da Costa, M. Gley, dr. Simões Raposo, dr. Robert Chaves, dr. Joaquim Fontes, dr. Heitor da Fonseca e dr. Pedro Fontes

mario brilho do olhar, que já por vezes tem iluminado o mundo científico, iluminando-nos o caminho a seguir para a realização da nossa ingrata aventura: roubarmos-lhe alguns momentos, tão preciosos para a sciencia.

A respeito da nossa Escola Medica, em materia de instalações, o que o professor Gley nos disse é extremamente lisongeiro.

Segundo a sua opinião os institutos que visitou — histologia, fisiologia e farmacologia — podem competir, e com vantagens sob certos pontos de vista, com os similares estrangeiros.

Declarou deficientissimas, quando comparadas com as nossas, as instalações destes laboratorios em Espanha e no Rio de Janeiro, onde ultimamente fez uma série de conferencias.

Sobre o nosso metodo de ensino, disse considerá-lo bom por tudo quanto pode vêr nas diversas visitas que fez á escola e pelo conhecimento dos nomes dos directores daqueles institutos, pessoas consideradas em todo o mundo científico e cujos trabalhos — como os dos professores srs. drs. Marco Atias e Celestino da Costa — teem sido dignos das maiores atenções e constantes elogios.

O professor Gley, depois de se ter levantado para receber a visita dum seu compatriota e fazer a apresentação do recémchegado, continuou:

— Só uma coisa considero pessimamente regulada em Portugal: os honorarios dos professores.

«Em França, qualquer preparador de laboratorio ganha por ano 12.000 francos, o suficiente para poder levar uma vida razoavel.

«Em Portugal, o paiz cujo nome nos lembra as velas enfunadas das caravelas, descobrindo continentes inteiros, a terra onde o espirito da aventura, da busca dum ideal, quer heroico, quer romantico ou científico, tem maior incremento, os governos não facilitam — e muito menos encorajam — o desenvolvimento científico, tão facilmente exploravel nesse espirito aventureiro.

«O medico investigador, um homem cuja vida deve ser, inteiramente dada ao laboratorio,

vê-se aqui obrigado a fazer clinica, pelos poucos proventos que lhe dá a sua situação científica.

«E' preciso que os governantes se convençam de que, em sciencia, se trata duma questão de qualidade e não de quantidade.

«Depois os exemplos não faltam. Bastaria olharmos para a situação da Romenia, ha seis anos e actualmente,

«Este povo viu o territorio completamente assolado pela Alemanha, a maior de todas as suas industrias — a do petróleo — totalmente perdida, mas, compreendeu que o seu ressurgimento só poderia ser feito pelo lado científico, e, não obstante a sua afflictiva situação financeira, em que as oscilações da moeda eram muito maiores que as que Portugal tem sofrido, trabalhou muito e principalmente no campo científico, conseguindo a desafogada situação em que hoje se encontra.

«Quando em Portugal se cuidar de aumentar a investigação científica — e não quere isto dizer que faltem bons investigadores, que os ha — o paiz progredirá e muito. Torna-se pois urgente que o Parlamento garanta a esses mesmos investigadores os meios de vida suficientes para que se possam dedicar, exclusivamente ás suas buscas científicas.»

Concordamos plenamente com o professor Gley, tanto mais que toda a nação deve ser reconhecida aos seus filhos, que, mercê do muito estudo vão subindo, degrau a degrau, o difficil caminho, que conduz ao cume do saber. A Patria não tem melhores defensores nem melhores servidores.

Já de pé, ao despedirmo-nos do eminente fisiologista, perguntamos-lhe suas impressões sobre a ultima viagem do

sr. dr. Celestino da Costa a França e as conferencias por este professor ali realizadas.

— Excelente, como aliás era de prever, afirmou M. Gley. No entanto, o sr. dr. Celestino da Costa é demasiadamente conhecido em França para que as suas belas conferencias realizassem uma surpresa para o meio científico francez.



M. Gley posando para a "Ilustração", tendo á sua direita o professor sr. dr. Celestino da Costa e o dr. Silbio Rebelo, e á sua esquerda o professor sr. dr. Marco Atias. No segundo plano vê-se M. Pierre Gley

DIAS COSTA.

# EXPOSIÇÃO REGIONAL DE CHAVES



Por ocasião das festas anuais em Chaves, que se efectuam entre 31 de outubro e 3 de novembro, realisou-se ali, este ano, a inauguração de uma grande exposição de produtos regionais, que obteve o maior e mais justificado exito.

As nossas gravuras representam dois aspectos do importante certamen e os membros da comissão que o promoveu, não só dignos dos mais incondicionais aplausos, por esse facto, como dos maiores elogios pelas fórmas brilhantes com que levou a cabo a tarefa beneemerita que se impoz.

A' comissão promotora da exposição, consutuda da esquerda para a direita, pelos srs.: Ramiro Carneiro, secretario; Jodo Alves Dias, vice-presidente; dr. Lino Soto Maior, presidente; José Carvalho, tesoureiro; Alcides Silva, vocal, sentados, e Afonso Magalhães, Manuel Aguiar e Quintanilha Dias, vogais. de pé]

Um canto do salão da Exposição



Outro aspecto parcial do importante certamen

# Entre as "Atrizes" do Cinema



Elsie Ferguson,  
estrela  
no  
palco  
e no êcran

obstante as enormes dificuldades surgidas no começo da sua carreira, vê a vida dum puro côr de rosa. é visinha dum joven escritor, rapaz de muito talento, mas, pouco dinheiro.

Este um pouco menos optimista que Lily, sentindo-se enamorado da sua visinha escreve um romance em que, como era de esperar, se retrata procurando fazer o mesmo a Lily nos dois protagonistas, e imagina o seu futuro.

Lily seria feliz sem ele, que por sua vez nunca deixaria a sua maneira de pensar como a infelicidade também lhe não deixaria a porta.

Lily protes-

com satisfação para todas as espectadoras solteiras e... românticas.

O papel de Lily Hopkins foi desempenhado por Betty Balfour, que lhe emprestou todos os seus encantos e graça.

—A actriz André Lafayette seguiu numa companhia de seguros de vida os seus pés na importância de um mi-

Bartholomew Dickson,  
conhecida ba-  
larina  
norte-americana,  
que acaba  
de se dedicar  
ao  
cinema



Um dos últimos retratos do actor-ensaia-  
dor Tom Forman

**O**BTEVE grande exito na capital franceza o film inglez *As rosas de Piccadilly*, uma das melhores obras de Harry, a que os jornaes da especialidade fizeram magnificas referencias. O entrecho da pelicula, simples e vulgar, como se vê do resumo que abaixo fazemos é no entanto feliz no seu romanticismo.

Lily Hopkins, uma nova dançarina, que não

ta contra o final do romance, que afinal não passa, como ela diz, duma historia para amedrontar creanças.

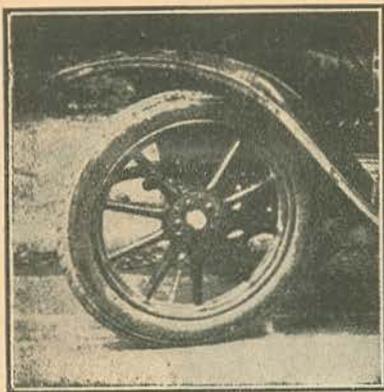
Acusa o seu namorado de falta de confiança e faz lhe ver que, afinal possuem a mais preciosa de todar as felicidades: a sua juventude iluminada pelo grande amor que os une.

Como logo do começo se calcula acaba bem,

lhão de dollares, exactamente a cifra porque Mary Pickford seguiu a sua pessoa... Constance e Norma Talmadage valem, cada uma 500.000 dollares.

Quanto a Ben Turpin está seguro em 35.000 dollares.

— Henry Bossa abandona momentaneamente o êcran pela scena. Vaé desempenhar no *Theatre des Galeries*, em Bruxelas, uma peça de grande successo, ao lado de F. Huguenet.



O pneu vulgar

# O PNEU BALÃO DUNLOP

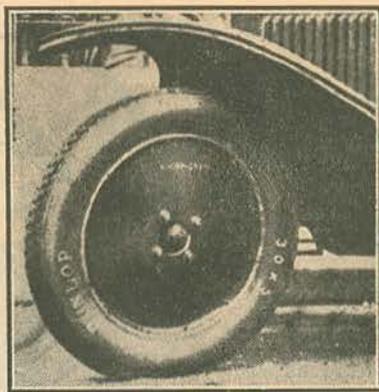
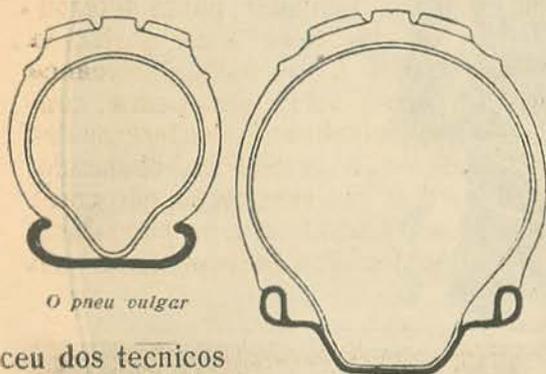


Fig. 3—O pneu-balão

A grande e sensacional novidade da exposição no *Salon d'Automobile*, que no mez findo se realisou em Paris foi o pneu Dunlop, a baixa pressão e que mere-

—Um pneu a baixa pressão? Mas isso não é uma grande novidade!

Cada vez que haja um pneu cuja valvula não esteja completamente vedada, cada vez que, por preguiça da bomba ou do *chauffeur* nós rolamos com o pneu meio esvasiado, nós temos um pneu a



O pneu vulgar

Fig. 2—O pneu-balão

ceu dos tecnicos mais competentes uma critica mais que favoravel, fazendo realçar as vantagens da inovação lançada pelas importantes fabricas Dunlop.

A proposito d'este grande sucesso do *Salon* escreveu G. de Panlowski, o mais autorizado entendedor na materia, um artigo de que gostosamente traduzimos as mais importantes asserções.

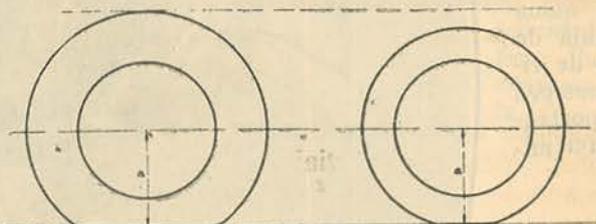


Fig. 4—A altura do cubo em relação ao solo é a mesma no pneu vulgar e no pneu mole

baixa pressão e não é isso razão para nos orgulharmos.

Evidentemente isso seria delicioso, não se sentiam os solavancos na estrada, era

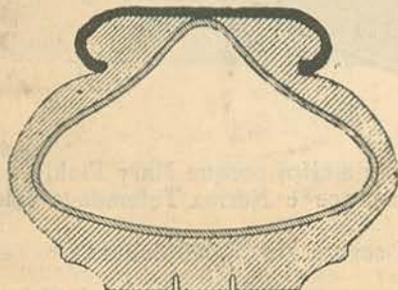


Fig. 1—O pneu vulgar esvasiado quebra-se e corta-se dos lados

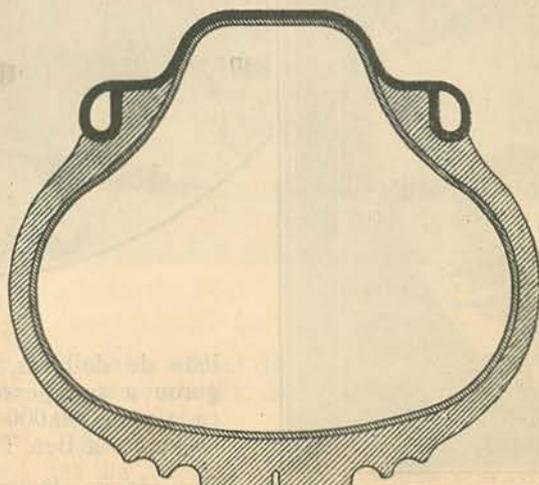
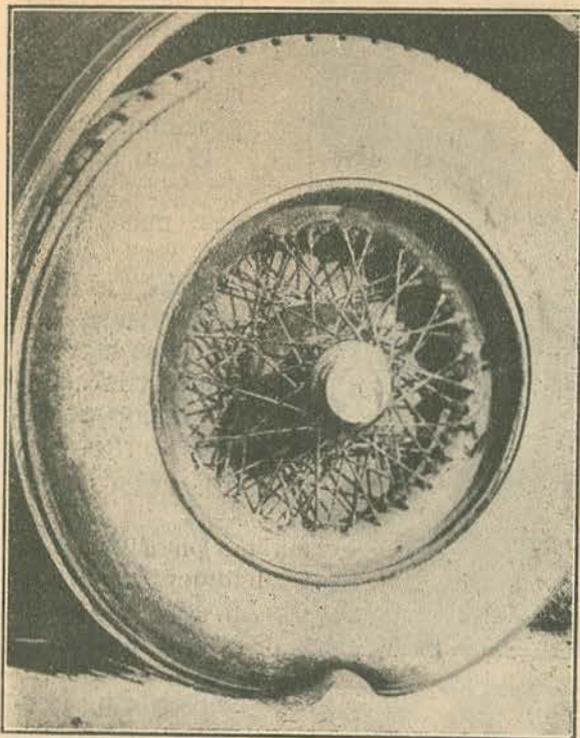


Fig. —O pneu-balão igualmente elastico em todas as suas partes, dobra-se e não quebra



O pneu mole balão amolda-se ao obstaculo

como se andassemos sobre algodão em rama! Mas se os viajantes estivessem encantados era, no final de contas, a bolsa que acharia pesada a aventura.

Rolar com os pneus meio esvasiados! Ha bastantes milionarios que se permitem essa confortavel fantasia, mas nós sabemos o que ella custa!

Logo que se examina um pneu seccionado verifica-se que a capa, muito espessa na superficie de rolamento, se adelgaça dos lados.

Rolando esvasiado o pneu vulgar toma a forma de um losango (fig. 1); a borracha e a tela trabalham em um só ponto, que facilmente se rompe.

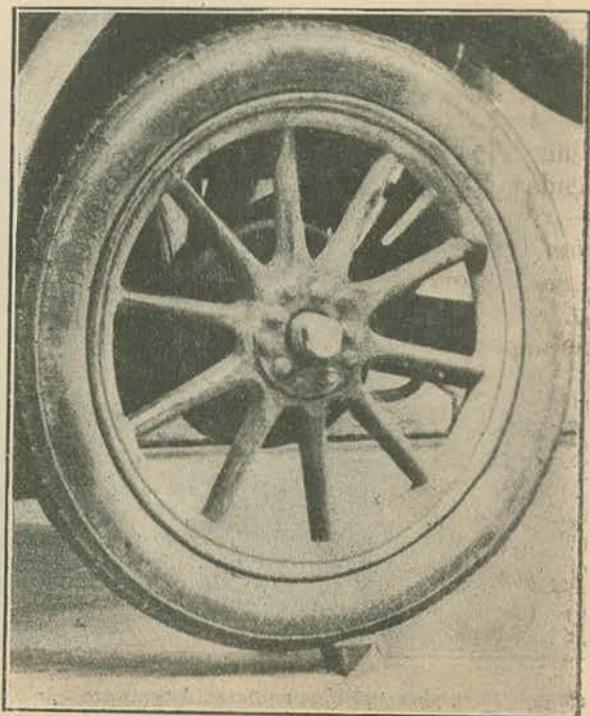
Acresce ainda que a altura do pneu, estando calculada para o seu completo enchimento, se torna insufficiente para suportar os solavancos bruscos. Ha momentos em que o pneu roça, por assim dizer, entalado contra os bordos da roda e o chão, rompendo-se fatalmente.

Por isso, com vontade ou sem ella, o *chauffeur* prudente deve renunciar a este processo e e encher, completamente, os seus pneumaticos.

Ora, com as estradas deploraveis que possuímos, esta necessidade não tem nada de agradavel. E' verdade que o novo Dunlop Cord, composto de fios isolados e encravados na borracha, apresenta uma incomparavel elasticidade, mas não pode, infelizmente, dizer-se outro tanto do ar a alta pressão que ele contem e que o transforma n'um *pneu duro*.

A solução do problema, posto em certas regiões pelo estado lamentavel dos caminhos, impunha-se e conseguiu-se. E' o *pneu-balão*.

De proporções relativamente grandes (fig. 2 e 3) de uma espessura quasi constante, o *pneu-balão* pode rodar a muito baixa pressão sem receio de que roce entalado entre o chão e o bordo da roda, nem o rompimento da capa em qualquer ponto determinado. Ele adopta-se a um obstaculo como succede a um balão de creança que se apoia sobre uma pedra; contorna, envolvendo-as, as asperezas das estradas; não resiste ao obstaculo, furta-se a ele e, por essa razão, não corre o risco de perfuração como no pneu duro. Quanto ao conforto que representa nem



O pneu duro vulgar salta o obstaculo e não se amolda a ele

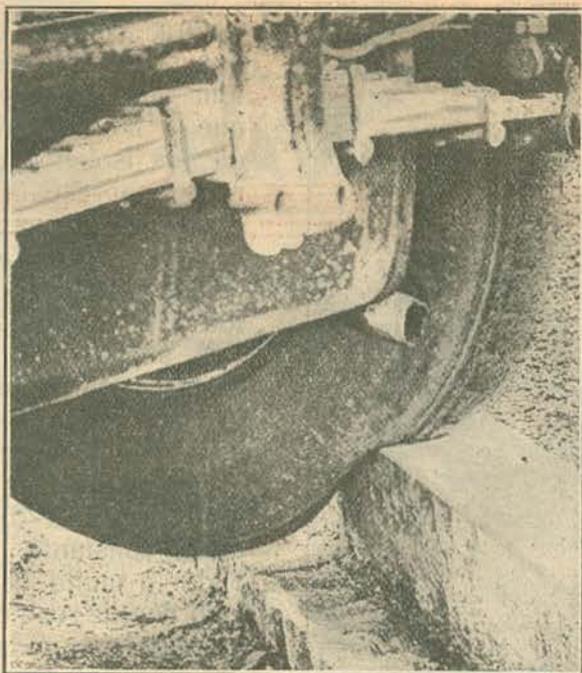
vale a pena falar nisso. É uma verdadeira viagem em balão que se faz por sobre qualquer má estrada.

Mas, dir-se-ha, sendo o *pneu-balão* de um diâmetro muito superior o do pneu ordinário a multiplicação de qualquer carro modificar-se-ha imediatamente, por isso que aumenta o diâmetro da roda.

Nem isso sucede porque a distancia entre o cubo da roda e o

chão se conserva a mesma exactamente.

É necessário experimentar o *pneu ba-*



*Os passeios são galgados em balão sem que se dê por isso*

do automobilismo nas estradas más, que, afinal, entre nós, são o maior numero.

*lão* para se fazer uma ideia do conforto extraordinario que ele proporciona.

É a solução do problema das más estradas.

Pois se os francezes se queixam das más estradas, com quanto maior razão não o faremos nós, os portuguezes?

Eis um caso que se deve registar. O novo pneu Dunlop vem também resolver em Portugal, o problema

## FALECIMENTO DE UM GRANDE BENEMERITO



No dia 7 faleceu repentinamente, no Porto, Diogo Cossels, o grande benemerito da educação e da instrução, no concelho de Vila Nova de Gaia. As nossas gravuras representam (a da direita, o venerando ancião, a quem aquele concelho deve, entre outros benefícios, a fundação aas escolas do Prado e do Torne e (a da esquerda) o seu funeral, que constituiu a mais comovente das manifestações de pesar por parte da população de Gaia

(Cl. chés J. M. Coutinho.)



## A decadencia da revista

Otelo de Carvalho, depois de ter dado belas provas na comedia e no drama, de onde não deveria sair, sonhou ser empresario, como tantos outros. A breve trecho, o sonho transformava-se em realidade. Otelo organizou uma companhia de revista e manteve-se e mantém-a, com corajoso animo, atravez de todos os embaraços que vieram criar entre nós, a este genero, a mais difficil das existencias... Uma companhia de revista que não disponha hoje de largos capitais, admitido que os revisteiros produzam obra aceitavel, está impossibilitada de pôr em scena trabalhos novos, tão dispendiosa é, neste momento, a montagem deles... E, então, o que faz? Procura resuscitar os antigos exitos, eximindo-se assim á execução de scenarios e de guarda-roupa que custam os olhos da cara... Aproveitam-se os trapos velhos, com uns retoques de pincel e umas passagens a ferro; renovam-se, em parte, os que o uso tornou incapazes de exhibição; por seu turno, os autores do libreto lardeiam-no com alguns ditos graciosos que tenham actualidade, e deste modo a revista gasta surge na illusoria esperanza de atrair publico... Ora acontece que não raro a interpretação desceu de merito na *reprise*, porque se dispersaram os primeiros interpretes e muitos dos sucessores estão, amiude, longe de se lhes aproximar... Suposto, porém, que os igualassem, e até excedessem, o certo é que só por milagre uma revista logra atravessar, incolume e fresca, mais de uma época... Após o seu regresso a Lisboa, Otelo de Carvalho resuscitou duas revistas, ha anos já representadas na capital; uma de Eduardo Schwalbach e outra de André Brun e Antonio Carneiro, tres nomes justamente laureados e queridos. E' a destes ultimos, intitulada *Giga-Joga*, que se encontra agora no cartaz. Estreou-a o distinto actor-empresario no salão Foz, com agrado das plateias que adoram o genero. Não obteve desta vez o mesmo acolhimento, por circunstancias a que, sem duvida, são alheios os autores e tambem Otelo de Carvalho que, se mais não conseguiu da sua companhia, foi porque não pode, a despeito do desempenho de alguns numeros e da curiosidade dos breves bailados que a remoçam. E, no entanto, a *Giga-Joga* está cheia de formosuras literarias que não é frequente deparar nas revistas. Antonio Carneiro, poeta brilhantissimo, nomeadamente quando cultiva o humorismo e a satira, enriqueceu a revista de esplendidos versos, espalhados por toda ela com mão prodiga... E' vulgar, embora se registem excepções, que semelhantes labores teatraes apenas incluam sensaborias mal metreficadas, coisas insulsas que pretendem ter espirito e literatura... Na *Giga-Joga*, a colaboração poetica constitue, pelo contrario, a sua maior beleza.

Esmaltam-na pequenas joias liricas e a tirada do fecho, em alexandrinos, bem declamados por Otelo de Carvalho, dá a medida do talento de Antonio Carneiro que, na patriotica evocação, esteve a toda a altura do tema e soube comover-nos. Assegura-se que a revista é um genero em decadencia. De facto, assim acontece entre nós. A revista evolucionou, demandando, para seduzir, uma grande soma de fantasia, visualidades, luxo, mulheres formosas, aparato, ou tanto chiste, tão oportuna e ajustada critica, tamanha força comica que aquell'outros requisitos possam, até certo ponto, dispensar-se... A revista, em Portugal, depara na crise economica um dos seus grandes obstaculos, que não é o unico. Qualquer montagem decente, cuidadosa e artistica importa numa pequena fortuna. Mas os originaes? Não haveria maneira de os cingir ás apertadas condições do momento, suprindo, pela graça fulgurante, pela actualidade do comentario e da satira, pela perfeição do desempenho, as deficiencias de ordem material menos faceis de evitar, em virtude do que custaria removelas? De originaes não se fala e parece que o *Boneco de sabugo*, do illustre Schwalbach, anunciado na imprensa, sofreu um compasso de espera, precisamente pelo malogro de uma companhia de revista e opereta.

\* \* \*

La Goya, a celebre *tonadillera*, voltou a Lisboa onde deixára simpatias, admirações e saudades... Voltou e, de novo, como Cesar, viu e venceu. O publico enche, todas as noites, a partir das 21 horas, o S. Luiz, menosprezando os dois actos de opereta, que antecederam a parte preenchida pela notabilissima artista espanhola. Os aplausos são entusiasticos e La Goya canta sempre numeros além do programa e repete outros para satisfazer os desejos dos espectadores que se não cançam de pedir *bis*. Consumada comediante, de uma mobilidade de expressão fisionomica admiravel, falando com o gesto, a *tonadillera* tem o dom magnetico de congregar multidões no S. Luiz, que a ovacionam, num delirio, ao escutar-lhe as historietas comicas ou dramaticas do seu inexgotavel repertorio... La Goya está na moda e, numa terra onde os imitadores nunca faltaram, de surpreender seria que ainda a não tivessem imitado. A imitadora é a actrizinha Maria Luiza, que, no teatro Maria Vitoria, com aplauso do publico, procurou reproduzir a arte de La Goya, que foi vê-la e ficou encantada. Maria Luiza, rapariguimha a quem se prevê um ridente futuro, tem talento e oxalá a sua precocidade a não inutilize!

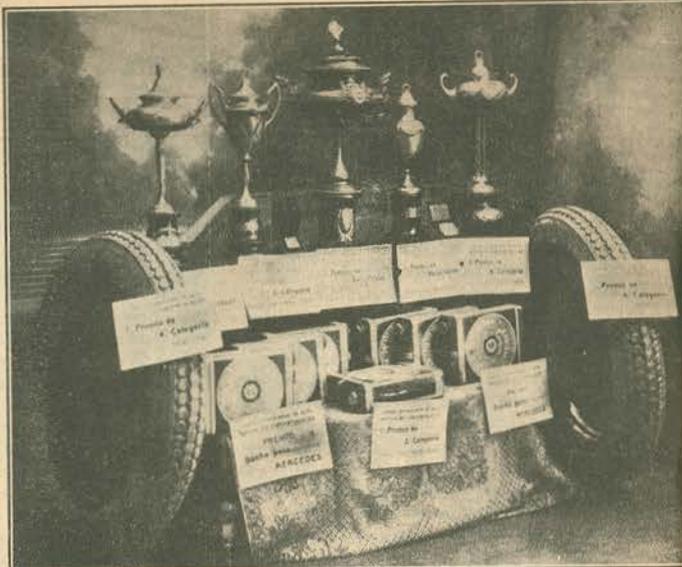
A. de A.

# MERCEDES

A fabrica MERCEDES é sem duvida alguma aquela a quem os progressos do automobilismo mais devem, pois tendo sido fundada em 1882 inicio do automobilismo, ela vem desde essa data aperfeiçoando e melhorando os mecanismos dos seus automoveis a ponto de hoje serem justamente considerados uma verdadeira maravilha.

Nas ultimas corridas do Porto — Boavista e Circunvalação, a que noutra pagina fazemos referencia, a superioridade do MERCEDES trouxe-lhe uma enorme victoria, tendo na ultima e num percurso de 17 quilometros obtido os primeiros premios de segunda e quarta categoria, e ainda o de maior velocidade e melhor tempo, isto em luta com outras marcas de maior forca.

A sua conhecidissima resistencia e aperfeiçoa-



Os premios obtidos pela famosa marca Mercedes nas corridas do Porto (com excepção do objecto de arte oferecido pelo Sporting.)

dos mecanismos levam-nos a recomendar-lo como sendo o automovel que mais satisfaz.

## MERCEDES reúne

- A maior celeridade
- A mais perfeita elegancia
- O melhor conforto
- E a mais recomendavel economia.

Ir ao volante de um MERCEDES é bem valorizar o seu proprietario pelo bom-gosto e o seu condutor, pela perfeição do seu funcionamento.

MERCEDES é tambem hoje o automovel mais popular pelos triunfos que em Portugal e no estrangeiro tem obtido, pois se elevam já a muito mais de 100.



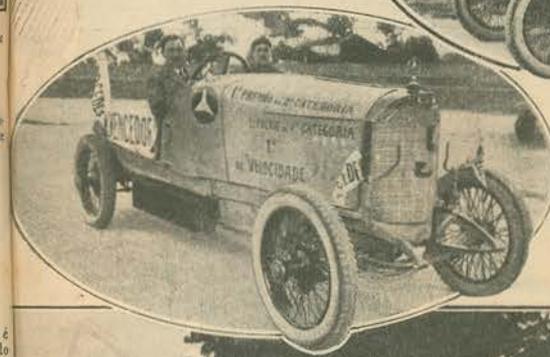
VENCEDOR DOS 3 PRIMEIROS PREMIOS DE MAIOR VELOCIDADE E CATEGORIAS NAS ULTIMAS CORRIDAS DE LISBOA, — BOAVISTA E CIRCUNVALAÇÃO — DO PORTO, (17 QUILOMETROS DE PERCURSO) CONSTITUINDO ESTE UMA RETUMBANTE VITORIA, O QUE ELEVA A MAIS DE 100 PREMIOS OS TRIUNFOS OBTIDOS



O Mercedes vencedor com a impulse da corrida.

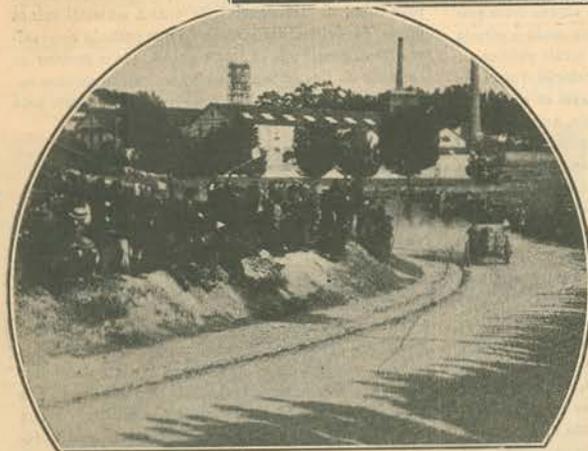


O Mercedes vencedor com o representante geral em Portugal, ao volante, sr. Antonio Augusto d'Almeida, e o corredor, sr. Fernando Pathinha (em baixo)



O Mercedes vencedor com o seu agente geral, os membros da comissao organizadora da corrida, a equipe da mesma corrida e o nosso colaborador fotografico sr. Serra Ribeiro

Em baixo: instantaneo obtido quando dum derrapage do Mercedes, na occasião da corrida, nama das curvas da Circunvalação



Outra derrapage do carro vencedor, ao fazer a curva na Areosa, no dia da corrida

Pedir catalogos aos agentes gerais em Portugal, Ilhas e Colonias  
**MACHADO & BRANDÃO, Limitada**

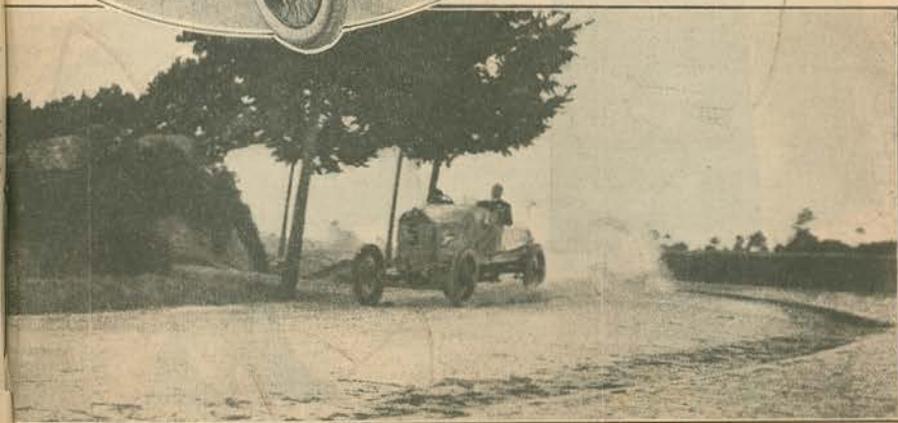
194, RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 196 — garage contigua  
37, TRAVESSA DE PASSOS MANUEL, 41

TELEGRAMAS **EXPICALI**

TELEFONE **214**

**PORTO — PORTUGAL**

Extraordinariamente recomendaveis o modelo vencedor da circunvalação — 010/40 H. P. com compressor ou seja um 80 X 130 (15 H. P.) com o comando das valvulas na cabeça dos cilindros em forma de V atingindo a sua admiravel celeridade uma velocidade de 130 quilometros!



(Clélio Serra Ribeiro.)

# Página elegante



O «mot d'ordre» da moda vigente é: linha esgula, muito esgula, ultra esgula, por muito que isso pese às senhoras nutridas...

Os vestidos são tão «colants», que desenham e mesmo põem em evidencia as formas. As mangas, compridas e estreitas, moldando o braço e descendo sobre a mão, alongam e estreitam o todo; as saias sempre muito estreitas para a orla, descem até ao tornozelo, e os decotes, discretos, quando não substituídos por golas altas ocultando o pescoço, ainda mais contribuem para o efeito «slancé» que a moda impõe como «sterner cri du chic».





AQUI SE DIRA  
DOS LIVROS  
CUJOS AUTO-  
RES, ENVIAN-  
DO-OS A BI-  
BLIOTECA DA  
ILUSTRAÇÃO  
PORTUGUESA,  
MANIFESTEM  
O DESEJO DE  
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS  
LEITORES A PROPOSITO DE TU-  
DO E O MAIS QUE OCORRER.

### A ARTE E A NATUREZA, por Latino Coelho

A Empresa Literaria Fluminense prosegue na publicação de escritos de Latino Coelho, mestre da lingua. Com um prefacio de Henrique Lopes de Mendonça saiu agora um volume intitulado *Arte e natureza* em que o sr. Arlindo Varela coligiu alguns dos mais primorosos estudos literarios do ilustre poligrafo. As egrejas de Belem e da Batalha, o sitio adoravel de Cintra, de S. Julião da Barra, o Arco da Rua Augusta, etc., fornecem assunto á pena erudita, imaginosa e colorida do vernaculo escritor para algumas paginas formosissimas pela pureza do estilo, pela elevação dos conceitos e pela enciclopedica cultura que revelam. A Empresa Literaria Fluminense está prestando um bom serviço ás letras patrias.

### MONOLOGOS, por Pedro Bandeira

Veiu a lume a quinta edição, obra completa, dos *Monologos* de Pedro Bandeira, escritor teatral com uma vasta produção, quer de trabalhos originaes, quer de obras adaptadas ou traduzidas. O facto de se tratar de uma quinta edição é bastante eloquente para que nos dispensemos de exaltar o valor dos *Monologos*. Preenchem eles um volume de mais de 250 paginas. Ha-os para homens, para senhoras e para creanças e estão consagrados em inumeros palcos de amadores. Os prefacios que servem de portico á colectanea são dos srs. Antonio Cruz, Alcantara Carreira, Carvalho Barbosa e Augusto de Melo, correspondentes ás anteriores edições. Augusto de Melo, uma grande auctoridade em assuntos de teatro, depois de mencionar os merecimentos de Pedro Bandeira, escreve: «Não ha palco algum, dos teatros publicos ou particulares, em Portugal, nos Açores e no Brasil, onde os seus engraçados e originaes monologos não tenham encantado o publico e não hajam sido festejados.» A edição, adornada com o retrato do autor, pertence á casa Ferreira & Franco, da rua da Madalena.

### AS BONECAS, por Jane Bensaude

As *bonecas* é um delicioso conto infantil, com uma bela intenção moral. Jane Bensaude, distraindo as suas pequeninas leitoras, dando-lhes pabulo á imaginação, mostra-lhes, ao mesmo tempo, que não devem ser desmazeladas e quaes as tristes consequências do desmazo. O conto encerra ilustrações de Mily Possoz e a edição, muito artistica, pertence á Lusitania Editora, Limitada, da rua do Arco do Limoeiro.

A. de A.

A. DE M.—*Sairá tudo, a seu tempo.*

A. C. DE F.—(Coimbra)—*Estão imperfeitos, estão. O que não quer dizer que o sr. se nos ofereça destituído. Apenas, por enquanto, muito hesitante. Teime e volte mais seguro de si.*

A. F.—(Valença)—*O «mais serenamente», embora fraco, será publicado. O outro, não.*

A. DE C. D.—(Porto)—*E' pena o ultimo verso do segundo terceto não corresponder ao resto. Em todo o caso, sairá.*

A. C. F.—*A sua descrição de Amor e por demais conhecida na tradição brejeira das escolas. O sr. apenas parafraseou, mas a inspiração inicial resalta em termos taes que aquilo é «branco é, galinha o põe». Além de que o soneto (?) é mau. Quanto ao Sinfonia, insignificante e incorrecto.*

R. DE A.—*Fraquinho, mas emfim... Publica-se.*

J. V. DE F.—*Nem menos de quatro declarações d'amor em forma de soneto é muita coisa junta. Sairá um e contentem-se... o sr. e ela.*

A. V.—*Logo o primeiro verso está errado:*

Eu vejo-a passar de madrugada

*O mesmo sucedendo tambem ao primeiro, do 2.º terceto:*

Elas, as celfeiras, estremecem

*Sem falar no segundo, do 2.º terceto, que nem reproduzimos, tanto ele se presta a interpretações ambiguas. Logo... limbo com ele.*

CATÃO—*Muito bem. Não parece prosa de principiante. Continue a mandar.*

M.—*Termina assim o soneto que o senhor quer saber se será publicado, depois de começar por dois versos de nove sílabas e seguir, por aí fora, com eles de todos os tamanhos:*

Eu hei de então conhecer  
Que fiz mal em te amar  
E que fiz bem em morrer.

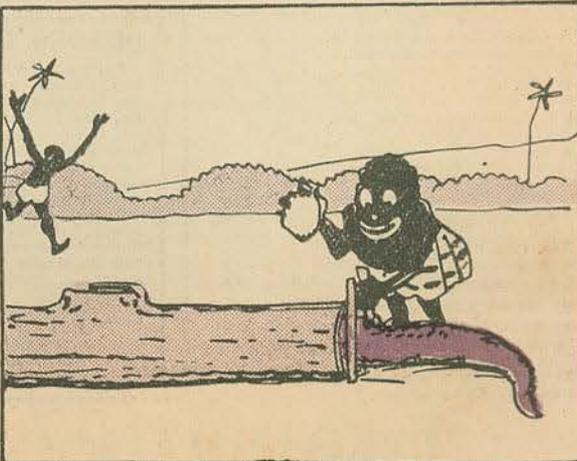
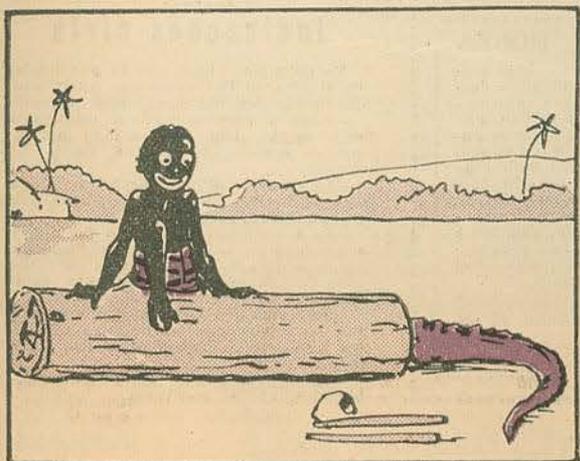
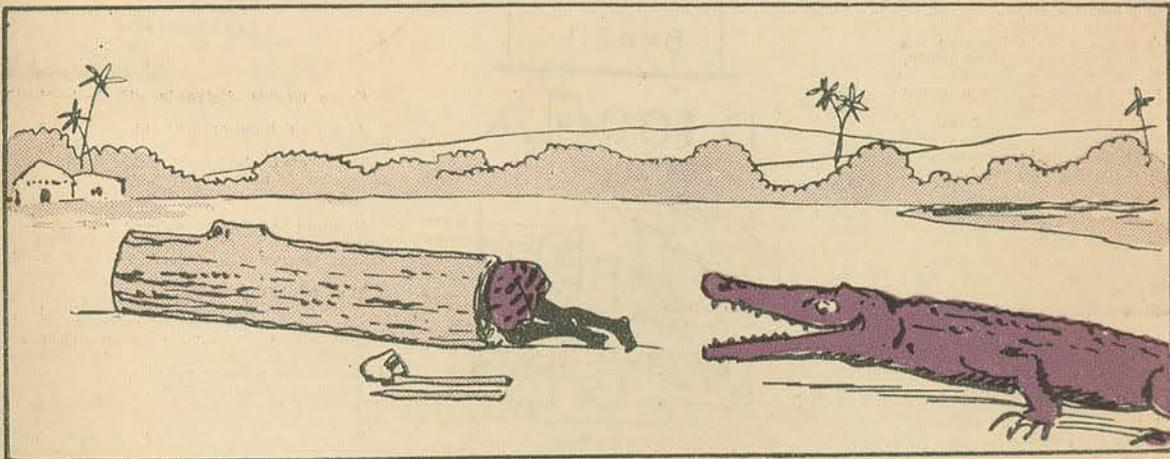
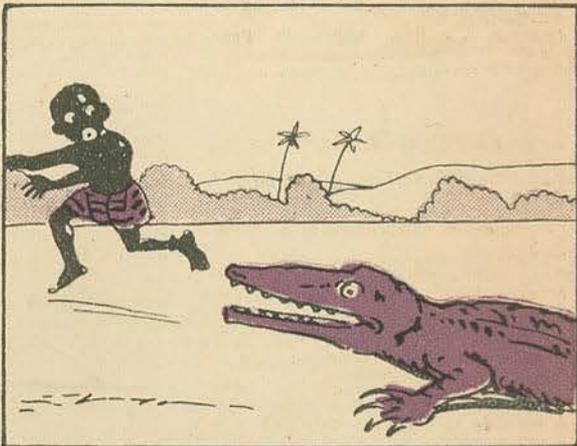
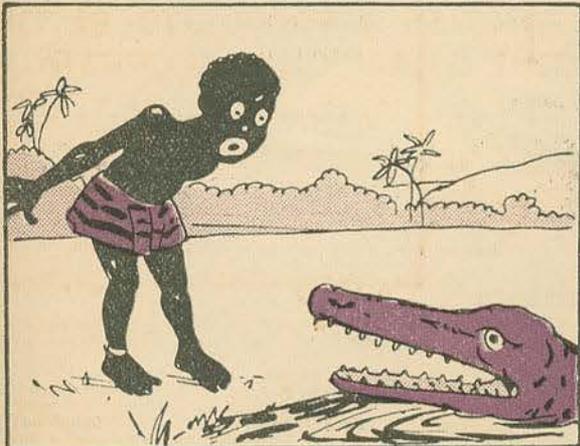
*Morrer para as muças... pelo menos. E escusava de ter deixado este testamento...*

AUTOMOBILIST 1.—*Deseja uma idéa para uma estatueta para colocar junto do volante do seu automovel? E' graciosamente a lembrança. Porque não manda fazer uma pequena Tanagra enoita em veus que deem a ilusão de ser batidos pelo vento ou uma cegonha sobre uma roda alada simbolizando ao mesmo tempo rapidez e fortuna?—D.*

MARIANELA.—*Ha diferentes objectos proprios para presente de noiva, mas, visto tratar-se duma amiga intima porque não lhe dá a parure do casamento metida numa especie de pasta de seda; o fundo é acolchoado e dele sae uma pala, tambem de seda, que cobre as peças de roupa. Nesta pala bordam-se ou pintam-se as iniciaes da noiva rodeando-as de ornatos floreaes. Podem-se introduzir alguns sachets no acolchoado, perfumando assim a pasta.—D.*



# ESPERTEZA DE BÓBO



# ESFINGIA



## Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

*Enigmas:* Estudante — Corvina — Regahofe.  
*Charadas em verso:* Patarata — Socego — Teclado.  
*Charadas em frase:* Regraclar — Papagal — Legendario.  
*Logogrifo:* Olhares Indiscretos.

## ENIGMAS

Dá-me licença, Senhor,  
 Que este seu criado «Sigma»  
 Abuse dum seu favor  
 «Ofertando-lhe este enigma?»

Nada tem nas estrelinhas  
 Comparado com os mais;  
 Apenas cinco letrinhas  
 Três d'elas não são vogais.

Primeira, mais a segunda,  
 Diz onde estais mesmo agora;  
 Palavra sem barafunda  
 Que se diz a toda a hora.

A segunda co'a terceira  
 Todos tomam com certeza;  
 Das co'ças, a mais ligeira  
 Que nos dá vida e belesa.

A nossa quarta letrinha  
 Com a quinta ali bem rente,  
 E' coisa muito rijinha  
 Que dá pão a toda a gente.

Decifrem-no sem enfado  
 Com toda a facilidade;  
 E' nome muito estimado  
 E bem vulgar na cidade.

Este enigma tem ao todo,  
 Sete letras, nada mais,  
 Sendo quatro as consoantes,  
 E as outras tres... vogaes.

A segunda mais a quarta,  
 Tendo a setima a findar,  
 Dá coisa que só se ouve  
 Muito depois de acabar.

A primeira junta á setima,  
 Sexta e ultima a seguir,  
 Uma coisa em que o destino,  
 Nos pode fazer cair.

A quarta, mais a segunda,  
 Mais primeira e a final,  
 Sae do tronco gigantesco,  
 D'uma raiz vegetal.

Quarta e quinta repetidas,  
 E' coisa redonda e dura,  
 Fruto de basta expansão,  
 Lá p'ra o pé da gente escura.

O conceito meus amigos,  
 Todos temos em geral;  
 Uma coisa que sem ela  
 Não vive nenhum mortal.

Nove letras tem o enigma,  
 Com tres diversas vogaes,  
 As outras seis, consoantes,  
 Havendo duas eguaes.

Terceira, segunda e sexta,  
 Com a setima em final,  
 Dão, caríssimos colegas,  
 Instrumento musical.

Apenas setima e sexta,  
 (Duas letras só) darão,  
 Uma coisa que, faltando,  
 Nos levaria ao caixaõ.

Primeira, setima, oitava,  
 Mais a setima a acabar,  
 Dão-nos um parente proximo,  
 Que todos hão-de estimar.

Uma nota musical,  
 Quarta mais setima, dão,  
 Assim como o dá a sexta,  
 Com quinta em terminação.

Se á prima, segunda e sexta,  
 Setima tiver juntado,  
 Terá esguto instrumento,  
 P'los engenheiros usado.

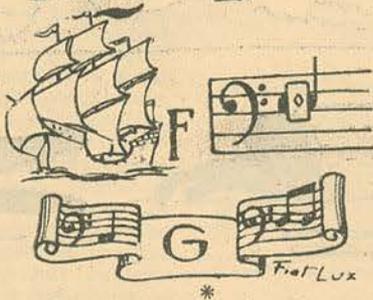
Nona letra e mais a setima,  
 Com a sexta no final,  
 Dão-nos um verbo, que indica,  
 Ação muito liberal.

Um nome mui conhecido,  
 D'um politico francez,  
 Eu lhes dou para conceito,  
 E adeus, té outra vez...

## ENIGMA PITORESCO



D 100 ◻ A



## QUADRO DE HONRA

Violeta—A. Viêira—Pinta scenas—Ilheus—Adiragram—Jalmé C. Barbosa—Fla Aldina—Dr. Ess. Jê—Serrôt—Gira Girão—C. Sillet—Pam—Castor & Polux—Zarita—Campos (de Souza)—Luz do Mar—Sevla & Orlebir—Juca de Barcelos—Do 16—João Aveyel—Sant'Ana—Or Vaz—Capitão Silva—Dama Oculta—Seugirdor—Pacheco, Almeida & Comp.<sup>a</sup>—Marco Lino—Sorrab—Um Portuense—Cupido—Rel Naldo—J. Morgado—A. S. T.—Um Caloiro.

Campeões decifradores do penultimo numero

## CHARADAS EM FRASE

O homem dedicou-se com vigor ao trabalho—1—2.

Mesão Frio

Zé Marau

Este apelido... é apelido de pessoas robustas—1—2.

Luz do Mar

Após o discurso, houve bebida... e comida.—2—1.

Porto

Dr. Essejê

Encontrei o vestido na estrada d'esta cidade—2—2.

Barquinha

Orietnom

## LOGOGRIFO

Como cantas distraida,—10—3—1—21—13—15.

Avesinha harmoniosa!—10—6—1—5—9—19—18—3—20—7.

Tu sorris á Natureza...—17—18—6.  
 E no vale ou na devêza,  
 E's a mesma descuidosa!...

E quem sabe se tu soffres?  
 Quem sabe se os teus trinados,  
 Nem sempre são de contento?—2—8—16—19—21—11.

Mas, não! tu és jovial  
 E no teu modo jogral,  
 Não pode haver sofrimento!—12—4—14—11—4—M—10—19—1—5.

Nos astros, sempre voando,  
 Avesinha, váes gosando!...

Reguengos

J. P. Godinho

## Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Ilustração Portuguesa* as decifrações das produções inseridas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro de Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 10 horas na sucursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinto da China.

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.